



# Museu da Vida

**Ciência e Arte em Manguinhos**



*Aos trabalhadores, que arregaçaram suas mangas  
e construíram a história desse Museu até aqui.  
E aos visitantes, que nos impulsionam a seguir em frente.*

## Fundação Oswaldo Cruz

Presidente  
Nísia Trindade Lima

## Casa de Oswaldo Cruz

Diretor  
Paulo Roberto Elian dos Santos

## Departamento Museu da Vida

Chefe  
Diego Vaz Bevilaqua

---

## Organizadores

Diego Vaz Bevilaqua, Marina Ramalho, Rita Alcantara, Tereza Costa

## Autores

### Capítulo 1: Antecedentes

Pedro Paulo Soares, Inês Nogueira

### Capítulo 2: Projetos

Carla Gruzman, José Ribamar Ferreira, Marta Fabíola Mayrink  
Contribuíram: Diego Vaz Bevilaqua, Marina Ramalho, Tereza Costa

### Capítulo 3: Práticas

Carla Gruzman, Maria Paula Bonatto  
Contribuíram: Ana Carolina Gonzalez, Carla Almeida, Diego Vaz Bevilaqua, Héilton Barros, Marcus Soares, Marina Ramalho, Miliana Fernandes, Pedro Paulo Soares, Sonia Mano, Tereza Costa

### Capítulo 4: Perspectivas

Diego Vaz Bevilaqua, Marcos José Pinheiro

## Edição de texto

Carla Almeida, Marina Ramalho, Tereza Costa

## Produção

Geraldo Casadei

## Entrevistas

Bruno Mussa Cury  
Carla Gruzman  
Luís Amorim  
Marina Ramalho  
Camille Dornelles (transcrição)

## Projeto gráfico e diagramação

Nilmon Filho

## Capa

Nilmon Filho, sobre desenhos de Glauco Rodrigues, fotografados por Roberto Jesus Oscar e Jeferson Mendonça

## Pesquisa iconográfica

Bianca Reis, Carla Gruzman, Davi Bonella, Inês Nogueira, Nataraj Trinta, Pedro Paulo Soares, Renata Fontanetto, Rita Alcantara, Tereza Costa

## Digitalização e tratamento de imagem

Alana Moreira, Nilmon Filho, Roberto Jesus Oscar, Vinícius Pequeno

## Agradecimentos

Aline Lopes de Lacerda  
Barbara Mello  
Beatriz Schwenck  
Daniel Lopes Moreira  
Denyse Amorim de Oliveira  
Departamento de Arquivo e Documentação da COC  
Jeferson Mendonça  
José Henrique Araujo Bastos  
José Siqueira Neto  
Juliana Albuquerque  
Láise Carvalho  
Leticia Guimarães  
Leticia Rumjanek  
Luís Amorim  
Luis Fernando Donadio  
Luiz Antonio de Saboya  
Nathacha Regazzini Bianchi Reis  
Paulo Colonese  
Paulo Roberto Elian dos Santos  
Regina Marques  
Renata Fontanetto  
Roberto Jesus Oscar  
Thayssa Taranto  
Vinícius Pequeno  
e a todos que cederam imagens, pesquisaram informações e compartilharam histórias.

Catálogo na fonte: Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel

M986 Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos. / Organizadores: Diego Vaz Bevilaqua; Marina Ramalho; Rita Alcantara e Tereza Costa. - Rio de Janeiro: Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz, 2017. 120p.

ISBN 978-85-9543-001-3

1. Museus de ciência - Rio de Janeiro. 2. Museus - história.  
3. Divulgação científica. 4. Popularização da ciência. 5. Entrevistas.  
I. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. Título.

CDD - 069.098153

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e  
Secretaria Municipal de Cultura apresentam

# Museu da Vida

## Ciência e Arte em Manguinhos

Organizadores  
Diego Vaz Bevilaqua  
Marina Ramalho  
Rita Alcantara  
Tereza Costa

Rio de Janeiro  
Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz  
2017





O Museu da Vida completa 18 anos em 2017. Um empreendimento jovem, porém vitorioso dentro da Fundação Oswaldo Cruz, instituição que muito orgulha a todos os brasileiros.

Para celebrar essa iniciativa, apoiamos a produção deste livro, que reúne histórias, depoimentos, documentos, ilustrações e fotos sobre a trajetória do Museu da Vida e que cobre também parte da história de um dos mais renomados cientistas do mundo – Dr. Oswaldo Cruz – e seu acervo científico e sanitário.

Apoiar projetos culturais que buscam ser o motor do desenvolvimento humano e cultural de uma região é

a marca que a SoEnergy Sistemas Internacionais de Energia S.A. vem disseminando e imprimindo entre as regiões em que atua.

Este caminho nos torna convictos do acerto de nossos passos e da transformação de uma sociedade através do conhecimento sobre saúde, pesquisa, ensino e principalmente cidadania.

Com o livro Museu da Vida – Ciência e Arte em Mangueiras, convidamos a todos para conhecer o patrimônio histórico das ciências biomédicas no Brasil, através de um passeio a um dos pontos arquitetônicos relevantes desta Cidade Maravilhosa.



**Carlos Alberto Rosero Riascos**  
Diretor Presidente da SoEnergy Sistemas  
Internacionais de Energia S.A.





MICROSCÓPIO  
DE OSWALDO CRUZ  
Glaucio R. Linsley  
Rio 1997

# Sumário

Prefácio	<b>8</b>
Apresentação	<b>10</b>
Antecedentes	<b>12</b>
Projetos	<b>28</b>
Práticas	<b>72</b>
Perspectivas	<b>108</b>
Documentos que contam essa história	<b>118</b>
Crédito das imagens	<b>119</b>



# Prefácio

Ousadia e inovação. É possível afirmar que essas duas palavras convivem ao longo dos 117 anos de história da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e explicam em grande medida sua trajetória nas áreas da saúde e das ciências. O Museu da Vida, inaugurado em 1999, é sem dúvida um dos exemplares dessa inesgotável vocação institucional de conceber projetos ousados e inovadores que dialogam com a tradição e ao mesmo tempo estão apoiados na história, na visão multidisciplinar, na reflexão sobre os problemas socioculturais do país e na interação com a sociedade. Não por acaso, esteve desde o início vinculado à Casa de Oswaldo Cruz e resultou da confluência de distintos vetores: a experiência museológica originada no Instituto Oswaldo Cruz no início do século 20, a renovação do pensamento museológico e o surgimento de uma museologia social nas últimas quatro décadas; além da expansão da divulgação científica, herdeira, no Pós-Segunda Guerra Mundial, das preocupações crescentes entre cientistas, educadores e políticos sobre o papel da ciência e da tecnologia na sociedade e sobre a difusão e aceitação da cultura científica pelos cidadãos.

Foi na Fiocruz da gestão do sanitarista Sérgio Arouca, dos tempos efervescentes da redemocratização e da “Constituição Cidadã” de 1988, que germinaram



as ideias para a concepção de um museu de ciências. Criar um espaço dedicado a trabalhar com questões científicas em forte interação com a sociedade era algo ousado, visto com certa desconfiança por alguns, mas, acima de tudo, coerente com transformações no perfil institucional da Fundação, que ao lado da pesquisa, da produção e do ensino em saúde e ciências biomédicas, passava a atuar e gerar conhecimento com a informação, a comunicação, a história e a educação e divulgação em ciências.

Neste livro, o leitor encontrará textos que buscam estabelecer uma narrativa sobre a trajetória do Museu da Vida, baseada em depoimentos e farto material documental, especialmente iconográfico. Os diferentes agentes desse processo, recheado de inspirações diversas e repleto de criatividade, ajudam a compreendermos as escolhas, os caminhos, as tensões e os resultados alcançados após mais de uma década e meia de experiência vivida.

Os organizadores e autores, ao oferecerem ao leitor uma obra que transita entre a história e a memória da experiência singular representada pelo Museu da Vida, descortinam os desafios que ainda permanecem para essa e outras instituições museológicas brasileiras. Nes-

se aspecto, o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses possui uma reflexão das mais instigantes e crucial para orientar nossos passos, pois considera que ainda não vencemos o grande desafio, isto é, atrair e formar um público fiel, sem deixarmos de ser instituições solidariamente científico-documentais, educacionais e culturais que operam com acervos materiais.

Para além dos desafios, que devem nos estimular, fica a certeza do conjunto expressivo de realizações do Museu da Vida, ancorado na principal instituição de ciência e saúde do país, mas sobretudo amparado na combinação criativa do conhecimento histórico, dos instrumentos da educação e da visão ampliada de cultura.

**Paulo Elian**

Diretor da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

# Apresentação

Quem transita pela Avenida Brasil ou pelas grandes vias expressas da cidade do Rio de Janeiro – as linhas Vermelha e Amarela – ou mesmo quem pousa de avião no aeroporto internacional Galeão-Tom Jobim, depara-se com o Castelo Mourisco da Fundação Oswaldo Cruz, situado no alto de uma colina, imponente sobre a paisagem a seu redor. Patrimônio cultural do país, o Castelo se tornou um importante ponto de referência para a Zona Norte da cidade. Foi construído no início do século 20, muito antes de a urbanização chegar à região. Além de ícone da Fiocruz, esse edifício centenário é também o símbolo do Museu da Vida, o centro interativo de ciências da instituição.

No dia 25 de maio de 1999, o Museu da Vida abriu as portas ao público, após cerca de seis anos de estudo, projeto e construção. Foi uma iniciativa inovadora, mas não inédita: abrigar museus é uma tradição da Fiocruz. Desde a concepção inicial do projeto do Castelo Mourisco, já se idealizava a inclusão de um museu em seu interior e, de fato, até hoje, o prédio abriga coleções científicas que formam um acervo de referência nacional. Originalmente, os espaços museológicos da Fiocruz eram restritos a visitantes ilustres e à comunidade científica. Mas, mesmo no final da década de 1970, quando já se permitia, em alguns ambientes, a entrada do público, a visitação era limitada e a ideia de um *campus* aberto à sociedade ainda não fazia parte das intenções da instituição.

A partir da criação da Casa de Oswaldo Cruz, em 1986, a preservação da memória institucional tornou-se de sua responsabilidade, incluindo ações educativas e de

divulgação científica. Foi nesse contexto que surgiu o Museu da Casa de Oswaldo Cruz, instalado na Cavalaria - edifício pertencente ao núcleo histórico da Fiocruz - e que apresentava ao público a história da instituição. Durante a década de 1980 e início da década de 1990, a Casa de Oswaldo Cruz organizou várias exposições em diversos locais do Rio de Janeiro, divulgando a ciência sob uma perspectiva histórica e cultural.

Nos primeiros anos da década de 1990, deu-se início à elaboração da proposta de criação do Museu da Vida, com o intuito de sensibilizar a população sobre questões científicas e tecnológicas cada dia mais presentes no cotidiano do cidadão. O primeiro projeto do Museu foi a exposição “Vida”, um protótipo da museografia, da interatividade e da mediação humana que se pretendia adotar no novo espaço. A mostra entrou em cartaz no Centro Cultural dos Correios em 1995 e impulsionou a concepção do Museu da Vida.

A partir de então observamos uma significativa inovação do espaço museológico existente na Fiocruz, que segue uma tendência mundial de divulgação em centros e museus de ciência: a integração da ciência e tecnologia ao patrimônio cultural.

Atualmente, o Museu da Vida atende moradores da cidade do Rio de Janeiro, bem como de outros municípios fluminenses e de outros estados brasileiros. Além de atuar como centro interativo de ciência e cultura, o Museu contribui ainda para a divulgação científica por

meio de jogos, publicações e produtos virtuais, além de se dedicar também à pesquisa.

Esta é apenas uma síntese da história que queremos contar aqui. A história da criação de um museu que já recebeu mais de três milhões de visitantes em seus diversos espaços e atividades interativas, dentro e fora de seus muros. Uma história que desejamos registrar e partilhar, seguindo a tradição da Casa de Oswaldo Cruz na preservação da memória institucional da Fundação Oswaldo Cruz.

Este livro está organizado da seguinte forma: no capítulo 1, são apresentadas as diversas experiências museológicas da Fundação Oswaldo Cruz, desde sua fundação até a criação da Casa de Oswaldo Cruz; no capítulo 2, é abordado o período de elaboração do projeto do Museu da Vida; no capítulo 3, são relatadas as principais práticas desenvolvidas no Museu ao longo de seus 18 anos de atividade; por fim, no capítulo 4, há uma reflexão sobre o papel social do Museu da Vida e os desafios a serem enfrentados.

Ao final de cada capítulo, são apresentados trechos de entrevistas com gestores que foram fundamentais para a viabilização do Museu da Vida. Assim, os leitores poderão entender melhor os contextos histórico e institucional a partir da fala dos protagonistas da história do Museu. Foram entrevistados Paulo Gadelha, primeiro diretor da Casa de Oswaldo Cruz, um dos idealizadores do projeto do Museu da Vida e seu coordenador geral até a inauguração; Nísia Trindade Lima, diretora da Casa de Oswaldo Cruz no momento em que o Museu

abriu suas portas; Gilson Antunes, coordenador executivo do projeto entre 1994 e 1997; e José Ribamar Ferreira, coordenador executivo do projeto de 1998 até a inauguração do Museu da Vida e o primeiro coordenador geral do Museu após a abertura.

Gostaríamos de ter entrevistado também Virgínia Torres Schall, pesquisadora da Fiocruz. Virgínia foi uma das peças-chave no desenvolvimento do projeto do Museu da Vida, tendo deixado sua marca, sobretudo nas diversas ações de arte e ciência, em especial na concepção do espaço Ciência em Cena e na viabilização da Tenda da Ciência. Infelizmente, isso não foi possível, dado o seu falecimento durante o processo de pesquisa do livro. Em 2016, nossa Tenda da Ciência passou a se chamar Tenda da Ciência Virgínia Schall. Este livro também é uma homenagem a ela.

Em síntese, recuperamos aqui parte da história de uma instituição de ciência – a Fundação Oswaldo Cruz – que se coloca a serviço da sociedade e revisitamos as maneiras pelas quais o Museu da Vida tem colaborado nessa missão. Esta é uma história de entrega, de generosidade, de compromisso com a inclusão social e a diminuição das desigualdades, tão perversas em nosso país.

Convidamos você a ler o livro, visitar o Museu da Vida e viver com a gente esta história!

**Diego Vaz Bevilaqua**  
Chefe do Museu da Vida

# Antecedentes

1900 – 1986

O Museu da Vida foi aberto ao público oficialmente em maio de 1999. No entanto, as iniciativas da Fundação Oswaldo Cruz de divulgação de suas atividades e do conhecimento científico remontam ao início do século 20, quando a instituição ainda se chamava Instituto Soroterápico Federal. Entre as estratégias adotadas pelo cientista Oswaldo Cruz para consolidar a instituição que dirigia, estava a participação do Instituto em diversas exposições internacionais sobre temas relacionados à higiene, à demografia sanitária e à medicina, entre outras disciplinas científicas. Tal participação angariou simpatia e respeito entre autoridades públicas e comunidade científica mundial, mas também entre a sociedade brasileira. Os marcos dessa ação podem ser exemplificados nas exposições do Congresso de Higiene e Demografia de Berlim, em 1907 – no qual o Brasil foi premiado com medalha de ouro por sua exibição, elevando o país no cenário da ciência mundial – e do Congresso de Higiene de Dresden, em 1911, ambos na Alemanha.

Já na linha de formação e exposição de acervos, iniciativas de criação de museus começam a despontar já em 1903, quando Oswaldo Cruz e o também cientista Henrique da Rocha Lima concebem a criação do Museu de Anatomia Patológica. O núcleo original desse acervo foi formado por culturas bacterianas, cortes e blocos histopatológicos trazidos da Alemanha por Rocha Lima. O museu não era aberto à visitaçã

blica, tendo caráter de apoio à pesquisa. Mais tarde, após a morte de Oswaldo Cruz em 1917, sua sala de trabalho no Castelo Mourisco foi mantida intacta e batizada de Museu Oswaldo Cruz, aberto apenas a visitas especiais. A partir de então, uma coleção histórica começou a ser formada, com objetos de uso pessoal e de trabalho do fundador da instituição.

Durante a década de 1970, iniciativas institucionais nos campos da educação e da divulgação científica possibilitaram o surgimento de outros museus, como o Museu Científico do Instituto Oswaldo Cruz e o Museu Didático Marquês de Barbacena, ambos de breve trajetória. Estes museus, diferentemente dos anteriores, eram abertos à visita escolar. Seus acervos foram incorporados em 1987 pelo Museu da Casa de Oswaldo Cruz, um ano após a criação da Casa de Oswaldo Cruz, unidade da Fundação que se dedica à preservação do patrimônio histórico da Fiocruz e às atividades de pesquisa, ensino, documentação e divulgação da história da saúde pública e das ciências biomédicas no Brasil. Na década de 1990, começam as discussões que levam ao desenvolvimento e concretização do Museu da Vida. Além de contar com um rico acervo histórico – originário dos acervos do Museu Oswaldo Cruz e do Museu da Casa de Oswaldo Cruz –, o Museu da Vida também contempla uma concepção proveniente dos centros de ciência, onde a interatividade é característica marcante, como veremos no próximo capítulo.



▲ Microscópio do fim do século 19, utilizado pelo jovem estudante de medicina Oswaldo Gonçalves Cruz.

# Congresso de Higiene e Demografia de Berlim

A ciência e a saúde pública brasileiras foram representadas nesta exposição, em 1907, pelos trabalhos do Instituto de Patologia Experimental do Rio de Janeiro, denominação de curta duração dada ao Instituto Soroterápico Federal, e da Diretoria Geral de Saúde Pública, órgão equivalente ao atual Ministério da Saúde. O país se apresentou nas seções dedicadas a bacteriologia geral, doenças contagiosas e vacinação, construção de hospitais e desinfecção e estatística de higiene, das doenças e da mortalidade. O público contemplou, pela primeira vez, peças anatomopatológicas de moléstias desconhecidas, insetos hematófagos, preparações microscópicas e representações de ciclos evolutivos completos de protozoários. Entre as peças anatômicas estavam fígados, rins e baços de doentes de febre amarela, além de pulmões com pneumonia pestosa.



Medalha de ouro, prêmio conquistado na Exposição de Higiene do 14º Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim, em 1907.



À direita, exposição do Instituto de Patologia Experimental do Rio de Janeiro, futuro Instituto Oswaldo Cruz. Berlim, 1907.







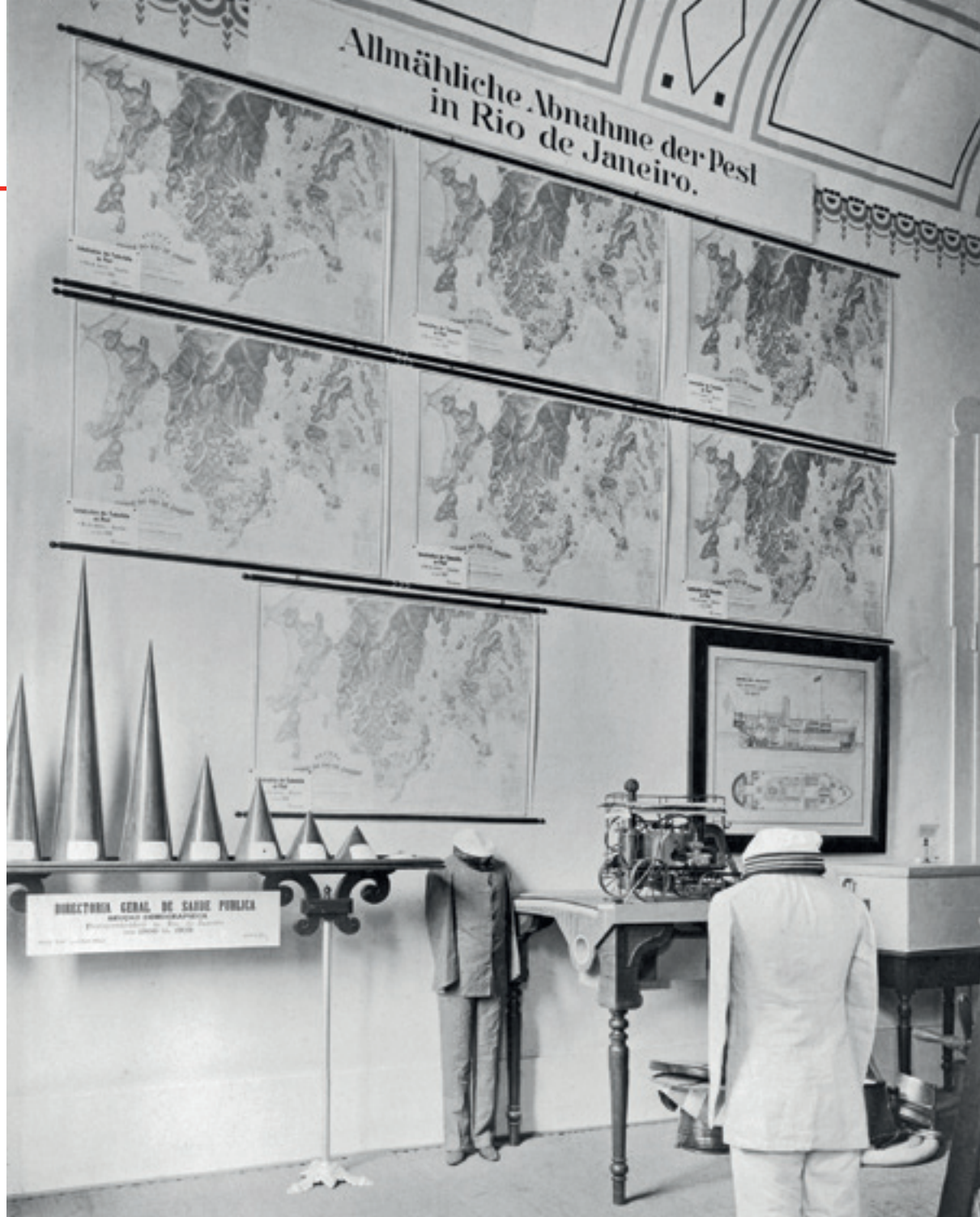
# Exposição Internacional de Higiene de Dresden

A apresentação da ciência nacional no pavilhão do Brasil, durante a Exposição de Higiene de Dresden em 1911, foi ilustrada por vasto e importante material do Instituto Oswaldo Cruz e de outras instituições. A doença de Chagas obteve grande destaque com peças anatômicas, fotografias e ilustrações, moldagens em gesso de bustos e peçoços de dentes. Um espaço exclusivamente dedicado à apresentação de filmes fez grande sucesso junto ao público visitante, que ultrapassou três milhões de pessoas durante os cinco meses de duração da exposição. Diferentemente do evento de Berlim, o de Dresden foi concebido para receber o público amplo, com uma estrutura de grandes proporções.



▲ Acima, busto de paciente com bócio. As demais imagens retratam a apresentação do Instituto Oswaldo Cruz e da Diretoria Geral de Saúde Pública na exposição Internacional de Higiene, em Dresden, em 1911.





*"(...) É um sucesso completo, no ponto de vista que eu o encaro, (...) como meio de tornar conhecido o Brasil científico", Oswaldo Cruz, em carta a João Pedroso, responsável pelo combate à febre amarela no Pará, em 28 de julho de 1911.*

# Museu de Anatomia Patológica

Em 1918, com a conclusão da obra do Castelo Mourisco (também chamado de Pavilhão Mourisco), começaram a operar no prédio inúmeros laboratórios e salas foram destinadas à fabricação de vidraria e realização de cursos. Na mesma época se implantaram os gabinetes fotográfico e cinematográfico, além de estufas. Ocupando toda uma ala do terceiro andar do novo edifício, o Museu de Anatomia Patológica, que vinha sendo constituído desde 1903, viria a ser o guardião das primeiras coleções da instituição: amostras de anatomia patológica, parasitologia, micologia e entomologia coletadas por pesquisadores da instituição durante seus trabalhos investigativos.



▲ Acima, vista do interior do Museu de Anatomia Patológica. À esquerda, lâminas histológicas pertencentes ao acervo.



Visita ao Instituto Oswaldo Cruz. Da esquerda para a direita: Rocha Lima, um dos fundadores do Museu de Anatomia Patológica; Bowman Crowley, chefe da Divisão de Patologia; Fedor Krause, médico patologista alemão; o também médico e cientista Adolfo Lutz; e Carlos Chagas, diretor do Instituto Oswaldo Cruz.

# Museu Oswaldo Cruz

Com a morte de Oswaldo Cruz em 1917, sua sala de trabalho no Castelo Mourisco foi conservada e transformada no Museu Oswaldo Cruz. Durante a década de 1960, a criação de um Setor de Documentação no Instituto Oswaldo Cruz promoveu a integração temporária do Museu Oswaldo Cruz à biblioteca e a outras atividades auxiliares, como as desenvolvidas no laboratório fotográfico e pelos ilustradores científicos. Após a criação da Fundação Oswaldo Cruz (1970) e por ocasião das comemorações pelo centenário de nascimento do patrono da instituição (1972), o Museu ampliou sua área expositiva, passando a ocupar três salas no Castelo Mourisco, dedicadas à memória do fundador e aos trabalhos científicos realizados em Manguinhos.

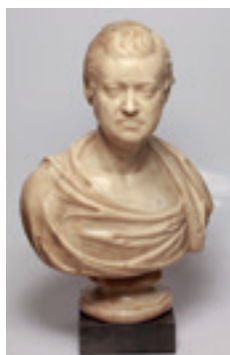




▲ Museu Oswaldo Cruz, reorganizado para o centenário de nascimento do cientista, em 1972. Nas imagens à esquerda, alguns objetos do começo do século 20 expostos neste museu: (1) termocontrolador, (2) balança de torção e (3) telefone.

# Museu Didático Marquês de Barbacena

Estabelecido na década de 1970, o Museu Didático ocupava a Cavalaria – edifício histórico construído no início do século 20 para abrigar os cavalos usados em pesquisa – e destinava-se a oferecer aos visitantes – público escolar, particularmente – uma visão sintética dos trabalhos e pesquisas realizadas na instituição. Seu objetivo era educativo, informativo e motivacional. Para tanto, utilizava demonstrações vivas (aquários e preparações microscópicas), painéis fotográficos e textos sobre as doenças, os processos de produção de vacinas e outros aspectos da metodologia científica.



◀ À esquerda, busto de Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira Horta, Marquês de Barbacena, introdutor da vacina antivariólica no Brasil. Abaixo, Museu Didático Marquês de Barbacena.



# Museu Científico do Instituto Oswaldo Cruz

Instalado no primeiro andar do Castelo Mourisco, também na década de 1970, o Museu Científico do Instituto Oswaldo Cruz pretendia apresentar uma síntese da história da saúde pública no Brasil, por meio de documentos originais, fotografias e aparelhos científicos. Diferentemente do que ocorria nos museus mais antigos da instituição, a visitação a esse espaço, embora não sistemática, era direcionada aos públicos escolar e universitário, como estudantes de biologia, medicina e áreas afins.



Acima e ao lado: Museu Científico do Instituto Oswaldo Cruz. O detalhe mostra um dos objetos do acervo; estufa Adnet (França, 1890/1910), usada para secagem e incubação de culturas de microrganismos.





# Museu da Casa de Oswaldo Cruz

---



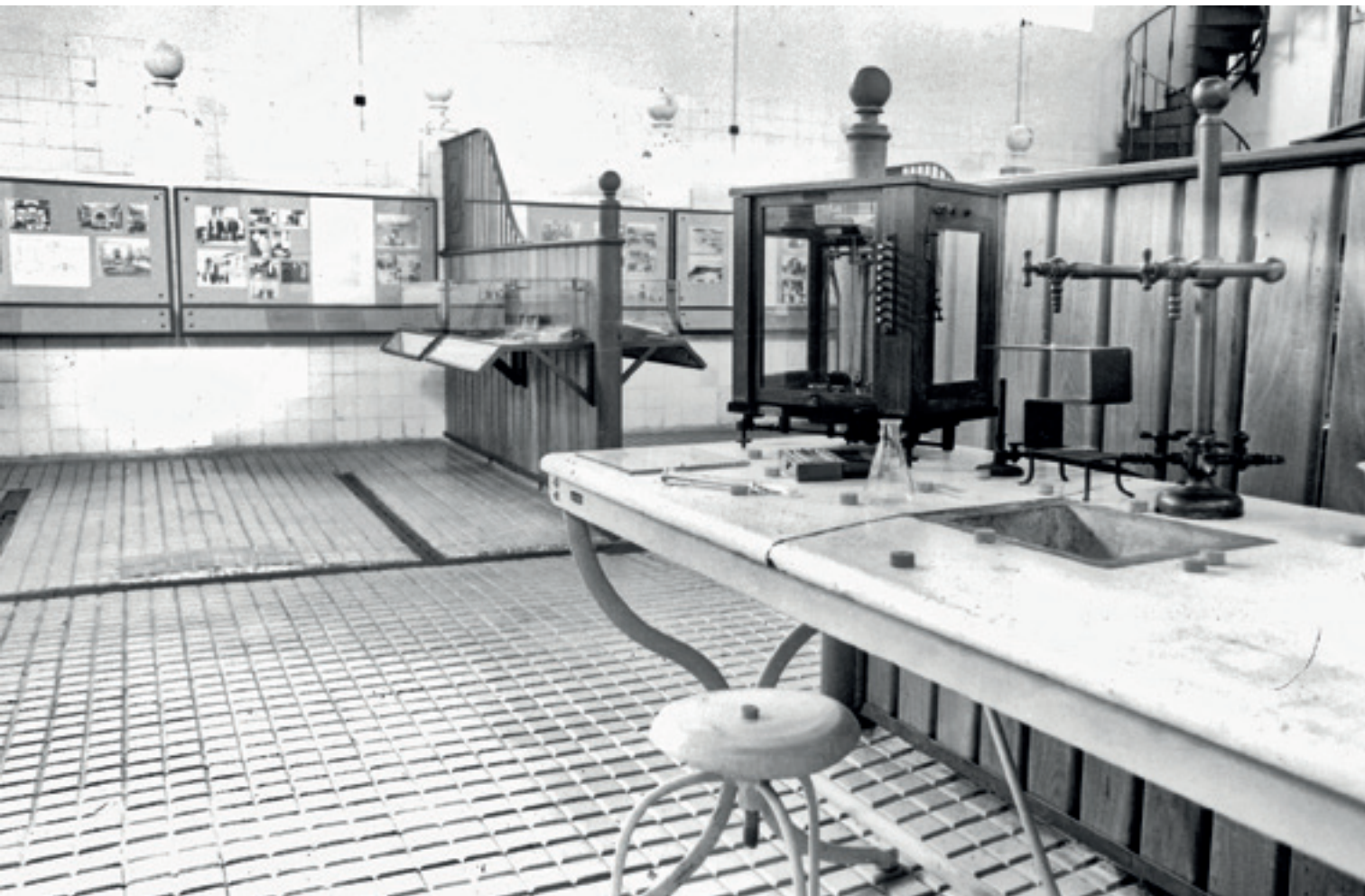
Após a criação da Casa de Oswaldo Cruz, em 1986, durante a gestão democrática e participativa de Sérgio Arouca na presidência da Fiocruz, os acervos do Museu Científico do Instituto Oswaldo Cruz e do Museu Didático Marquês de Barbacena foram integrados em um novo espaço: o Museu da Casa de Oswaldo Cruz, inaugurado no ano seguinte, na Cavalariça.

Tanto o acervo do Museu Oswaldo Cruz quanto o do Museu da Casa de Oswaldo Cruz seriam incorporados pelo Museu da Vida em 1999, com um contínuo aperfeiçoamento das políticas e métodos de guarda e preservação do patrimônio material da ciência e da saúde.

◀ Museu da Casa de Oswaldo Cruz.

---

▼ Abaixo, objetos e painéis do Museu da Casa de Oswaldo Cruz. À direita, detalhe de uma das peças expostas: platina de Malassez, usada para secagem e fixação de lâminas.



## Depoimentos

“A gente tem que situar a criação do Museu da Vida dentro de uma arqueologia de como a atividade museológica se desenvolveu na Fiocruz, desde Oswaldo Cruz. No início, o Museu de Patologia expressava a preocupação de se registrar o processo de construção e consolidação da instituição, sendo marcado ainda pela visão dos museus naturalistas. Quando a gente chega à Fiocruz [meados da década de 1980], a convite do Arouca, para desenvolver a Casa de Oswaldo Cruz, nos deparamos com a existência de um museu, coordenado pelo Luís Fernando [Fernandes Ribeiro], que ocupava o primeiro andar do Castelo. Esse museu tinha um caráter de recuperação histórica, havia muito esmero e muita competência no cuidado com o acervo, pois buscava revelar, através dessas peças, uma leitura da história da instituição. Foi fruto de uma dedicação intensa do Luís Fernando de preservação do material que foi ameaçado de destruição no período anterior. O museu era ainda muito tradicional e muito enclausurado, porque toda a ala do primeiro andar do Castelo só era aberta quando havia visitantes ilustres, que eram recebidos para visitar aquele espaço reservado. Então, uma das primeiras ideias passadas para a gente pelo Arouca foi a de renovar o museu. Como faríamos para que o museu passasse a estar num espaço mais acessível, com características de um museu mais aberto? A questão da interatividade ainda não foi colocada nesse momento. E nós fizemos a transposição de parte dessa leitura para a Cavalariça [inaugurando o Museu da Casa de Oswaldo Cruz] – um espaço recuperado –, permitindo uma forma mais imediata de acesso ao público. Ali já foi um primeiro movimento.”

**Paulo Gadelha,**

em entrevista concedida em 2016

“Os museus sempre estiveram presentes na história da Fiocruz, desde o tempo de Oswaldo Cruz. No interior do Castelo, por exemplo, havia o Museu de Anatomia Patológica. A época do presidente Vinícius Fonseca [1975-1979] durante a ditadura militar foi um período de modernização da pesquisa, em que houve uma mudança total de microscópios e equipamentos em vários laboratórios. Então houve um *boom* de se jogar coisas fora, incluindo coleções científicas. Mas havia um rapaz que teve um papel fundamental: o Luís Fernando [Fernandes Ribeiro], que foi reunindo e preservando esse material. No projeto do Museu da Vida, nós organizamos essa antiguidade. A Cavalariça [então Museu da Casa de Oswaldo Cruz] tinha essa característica de um museu de peças, sem essa proposta de centro de ciências como tem o Museu da Vida, que tem o nome ‘museu’, mas é muito mais um centro de ciência do que um museu, embora ele tenha também uma parte de reserva técnica, com as coleções científicas.”

**Gilson Antunes,**

em entrevista concedida em 2016

“Na criação da Casa de Oswaldo Cruz, já havia uma perspectiva de divulgação científica. Em linhas gerais, tinha essa questão de abertura da instituição para a sociedade e o Museu era um caminho para fortalecer essa abertura e esse sentimento de pertencimento da população. Porque havia a percepção de que esse Castelo era imaculado, impenetrável. As pessoas não consideravam que era público, aberto à sociedade, muito menos às comunidades do entorno. Então havia essa proposta da Casa de aproximação com a sociedade, e já havia uma tradição também de museus na Fiocruz desde o Oswaldo Cruz.”

**José Ribamar,**

em entrevista concedida em 2016

“Eu ingressei na instituição em 1987 para atuar num projeto de memória da ciência médica na Previdência Social. Nessa época, já existia o museu [Museu Oswaldo Cruz], com um trabalho muito intenso de um museólogo que, infelizmente, já faleceu, o Luís Fernando [Fernandes Ribeiro], que contava com uma equipe muito pequena. O museu tinha uma natureza de história institucional, com acervo, com a guarda do material iconográfico, mas ele não tinha essa relação com a pesquisa. Era um museu importante, mas num molde mais convencional, digamos assim. Quando a Casa de Oswaldo Cruz foi criada, inicialmente como projeto e posteriormente como uma unidade da Fiocruz, a partir de 1987, essas ações foram absorvidas pela Casa, por uma questão de coerência, e havia então a ideia de se mudar um pouco o perfil desse museu, alargando seu escopo e público.”

**Nísia Trindade,**

em entrevista concedida em 2015

**Carla Gruzman, José Ribamar Ferreira, Marta Fabíola Mayrink**

Contribuíram: Diego Vaz Bevilaqua, Marina Ramalho, Tereza Costa

# Projetos

Com o processo de redemocratização do Brasil, após 21 anos de ditadura militar, uma geração de cientistas liderada pelo sanitarista Sergio Arouca – que assume a presidência da Fundação Oswaldo Cruz em 1985 – passa a defender novas formas de relacionamento da instituição com a sociedade. Nessa época, tanto nacional como internacionalmente, discutiam-se mudanças nas políticas de educação em ciências, com a valorização de princípios democráticos e a disseminação da premissa de que a ciência deve ser para todos e aprendida ao longo de toda a vida. Tal cenário também propiciou a criação de programas de divulgação científica voltados à sociedade. Em 1986, é fundada a Casa de Oswaldo Cruz, unidade da Fiocruz cuja missão é desenvolver a pesquisa histórica em saúde, preservar e promover a memória e o patrimônio histórico e divulgar ciência e tecnologia. É nessa unidade e nesse contexto mais amplo que começa a ser formulado um novo projeto de museu para a Fiocruz: o Espaço Museu da Vida, baseado nos princípios da multidisciplinaridade, da interatividade, de democratização do conhecimento e da promoção da saúde, condições necessárias para o exercício da cidadania.

A elaboração da proposta conceitual e organizacional do Museu da Vida incorporava o conhecimento adquirido nas diversas ações já realizadas à época pela Fiocruz orientadas para a preservação do patrimônio, desenvolvimento cultural, educação e divulgação em ciências. No que diz respeito a exposições para o público

amplo, as mostras “Imagens da Peste Branca - Memória da Tuberculose”, montada em 1993 no Museu Histórico Nacional, e “Revolta da Vacina”, instalada em 1994 no Centro Cultural dos Correios, foram experiências importantes realizadas pela Casa de Oswaldo Cruz que propiciaram o acúmulo de conhecimento no campo de uma nova museologia. Esse processo culminou com a organização da exposição “Vida”, que entrou em cartaz em 1995 no Centro Cultural dos Correios, com elementos que estariam presentes no projeto do museu em gestação, tais como a interatividade e a mediação humana.

Aberto ao público oficialmente em 1999, o Museu da Vida foi concebido como um espaço de integração entre ciência, cultura e sociedade, com a intenção de refletir sobre a vida enquanto objeto de conhecimento; a saúde como qualidade de vida; e sobre a intervenção do ser humano na vida. O conteúdo foi organizado em torno de grandes temáticas, que articulavam, num mesmo espaço de visitação, várias áreas do conhecimento. Buscou-se, assim, evidenciar a complexidade das questões abordadas, que foram tratadas por diferentes ângulos e disciplinas. Com relação à organização das áreas expositivas, foram ocupados diferentes espaços físicos do *campus* de Manguinhos, utilizando parte do acervo museológico da instituição e explorando uma grande variedade de linguagens. A opção pela mediação humana também ganhou destaque, com vistas a fomentar o diálogo com os diferentes públicos e consolidar a ideia do Museu como um importante espaço de debates.



A deliberação inicial sobre a criação de um museu de ciências se deu ainda em 1993, no II Congresso Interno da Fiocruz (veja boxe nesta página). Posteriormente, a proposta se consolidou em uma iniciativa mais ampla, que envolvia a Fiocruz, a Rede de Tecnologia do Rio de Janeiro e a prefeitura da cidade: a criação do Museu da Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Esse museu seria constituído por três espaços: Espaço Museu do Universo - ligado ao Planetário do Rio de Janeiro -, o Espaço Museu do Mar - ligado ao Museu Naval - e o Espaço Museu da Vida - situado no *campus* da Fundação Oswaldo Cruz. Em 1994, o desejo de criação do Espaço Museu da Vida se concretizou por meio de recursos obtidos em projetos de captação externa, vindos especialmente do PADCT\*/Capes e da Fundação Vitae. Tais recursos, somados a verba oriunda do orçamento da própria Fiocruz, viabilizaram a implantação de um circuito básico de visitação.

Na época, pretendia-se implantar todo o Complexo de Difusão Cultural e Científica - conhecido como “Projeto Niemeyer” -, que, junto ao circuito básico, constituiria o circuito ampliado (ou definitivo) do Museu. Entretanto, o Projeto Niemeyer não chegou a ser implementado por falta de recursos.

O circuito básico incluía cinco espaços destinados à visitação pública - Centro de Recepção, Passado e Presente, Biodescoberta, Ciência em Cena e Parque da Ciência. Além deles, foram criadas áreas matriciais, voltadas para o desenvolvimento de estudos, eventos e serviços destinados a articular todos os espaços do Museu da Vida. Desta articulação deveria resultar a formulação de propostas pedagógica, de avaliação, de criação de produtos e comunicação visual, de novas tecnologias, de conservação e restauração de acervos e da gestão administrativa do Museu.

#### **Proposições Específicas do II Congresso Interno da Fiocruz:**

[...] Criação do Museu Científico, visando articular à uma dimensão educativa, o imenso potencial informativo da Fiocruz, estabelecendo uma ponte entre os especialistas e o público mais amplo para o qual devem-se destinar os resultados da atividade científica. [...]

**II Congresso Interno da Fiocruz. Relatório final. Rio de Janeiro, 1994. p. 16.**

**\*Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.**

# Exposições precursoras

---

## “Imagens da Peste Branca - Memória da Tuberculose”

Com a exposição “Imagens da Peste Branca - Memória da Tuberculose”, montada em 1993 no Museu Histórico Nacional, a Casa de Oswaldo Cruz começou a trilhar seu percurso em direção a uma nova concepção de museus e exposições, práticas que já eram desenvolvidas em outras áreas da Fiocruz. Na mostra, os visitantes eram “transportados” ao princípio do século 20, quando se deu início à institucionalização da luta contra a tuberculose. Cartazes, fotografias, caricaturas, documentos, vídeos e objetos revelavam ao

▼ Exposição “Imagens da Peste Branca - Memória da Tuberculose”, 1993. Nas fotos ao lado, o cenário de um consultório médico atrai a atenção dos visitantes.





público a história da doença. Cenários – como o que retratava um consultório médico dos anos 1930/1940 – ajudavam na imersão dos visitantes. Além de apresentar informações sobre a doença em si, a exposição abordava a influência da tuberculose na arte brasileira, com destaque para músicas de Noel Rosa e textos de poetas dos séculos 19 e 20, como Castro Alves, Cruz e Souza e Manuel Bandeira.





# Exposições precursoras



◀ Painéis, objetos, documentos e imagens microscópicas contam a história da Revolta da Vacina, remontada em 2004.



## “Revolta da Vacina - Da varíola às campanhas de imunização”

Inaugurada em 1994, no Centro Cultural dos Correios, a exposição “Revolta da Vacina - Da varíola às campanhas de imunização” contava com objetos, painéis, cenários e vídeo para contar como a população do Rio de Janeiro foi obrigada a se vacinar contra a varíola no início do século 20. A mostra era dividida em seis módulos. O primeiro contextualizava a cidade carioca no período da reforma urbana de Pereira Passos. Os módulos seguintes abordavam as campanhas de saúde, a participação de Oswaldo Cruz, os fatos que levaram à revolta e suas consequências. Havia ainda a ‘Sala da Varíola’ e uma área em que se contava a história das vacinas. Uma inovação importante da exposição foi a contratação de músicos e atores profissionais que encenavam uma peça de teatro ao ar livre sobre a temática da exposição. Visitantes e artistas percorriam as ruas do entorno do centro cultural, numa iniciativa precursora das atividades de arte e ciência que seriam adotadas com a inauguração do Museu da Vida cinco anos depois. Em 2004, a exposição foi atualizada e remontada em atenção aos cem anos da Revolta da Vacina.



# Exposições precursoras

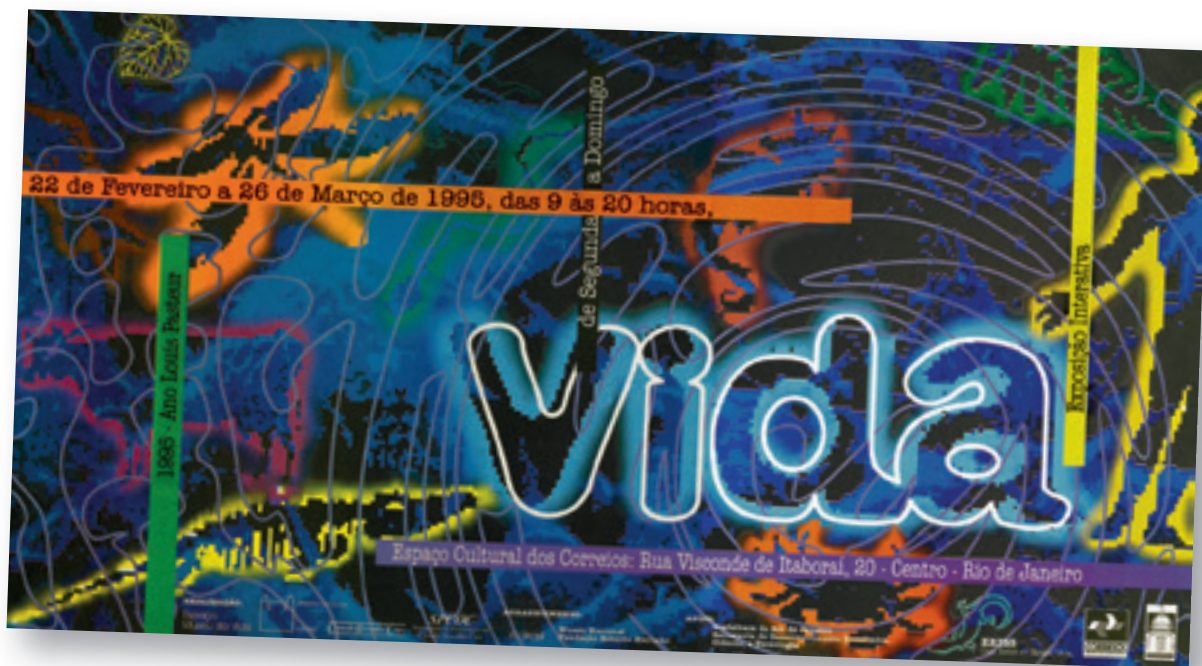
---



## Exposição “Vida”

Motivada pelo centenário de morte de Louis Pasteur, a exposição “Vida” foi montada em 1995, no Centro Cultural dos Correios, e recebeu 45 mil visitantes entre fevereiro e abril daquele ano. A mostra abordava a questão da vida por diversos ângulos. No módulo ‘Cosmogonias: a Universalidade dos Mitos da Vida’, por exemplo, os visitantes conferiam um espetáculo de luz e som, em um cenário com representações de diferentes mitos de origem que circulam na sociedade brasileira. Já em ‘A Origem da Vida: As Controvérsias Científicas’, o foco estava nas principais teorias científicas e hipóteses sobre o princípio da vida. Nessa exposição, começou a ser explorado o conceito de mediação humana da forma como viria a ser

desenvolvido posteriormente no Museu da Vida. Foram formados cerca de 30 educadores que atuaram na mostra fomentando o diálogo entre o público e os conteúdos expostos. A interatividade também já estava presente na exposição. Em meio a painéis e ambientações, foram concebidas “ilhas de interatividade”, com atividades como ‘A vida numa gota d’água’, em que os visitantes observavam microrganismos aquáticos com microscópios, e ‘Identidade Biológica’, em que o público confeccionava uma carteira de identidade biológica a partir de suas características físicas. A exposição “Vida” foi a principal inspiração da Biodescoberta, um dos espaços que compunham o circuito básico de visitação do Museu da Vida.



◀ Ao lado e abaixo, cenários e atividades da exposição "Vida". Acima, cartaz da exposição.



# Centro de Recepção

No projeto do Museu da Vida foi considerado indispensável um Centro de Recepção para proporcionar aos visitantes um acolhimento com conforto, oferecendo instalações e condições de iniciar uma visita prazerosa e proveitosa. Outro objetivo do Centro de Recepção era ordenar o acesso do público, de forma a evitar impactos negativos nas rotinas de trabalho de uma instituição de pesquisa como a Fiocruz. Atualmente, um importante elemento do Centro de Recepção é o grande painel projetado pelo artista Glauco Rodrigues, que representa personagens da história da saúde, como Louis Pasteur, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (da esquerda para a direita), o Prêmio Shaudinn concedido a Chagas pela descoberta da doença que leva seu nome (simbolizado pela figura feminina) e expedições institucionais realizadas em Rondônia, durante a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, no Amazonas e em Minas Gerais.

▼ Estudos para o painel em mosaico de Glauco Rodrigues, feitos pelo próprio artista.





◀ Ao lado, vista noturna do Centro de Recepção, evidenciando sua arquitetura inspirada nas antigas estações de trem. Em 1999, o prédio foi premiado pela Abcem, Associação Brasileira da Construção Metálica.

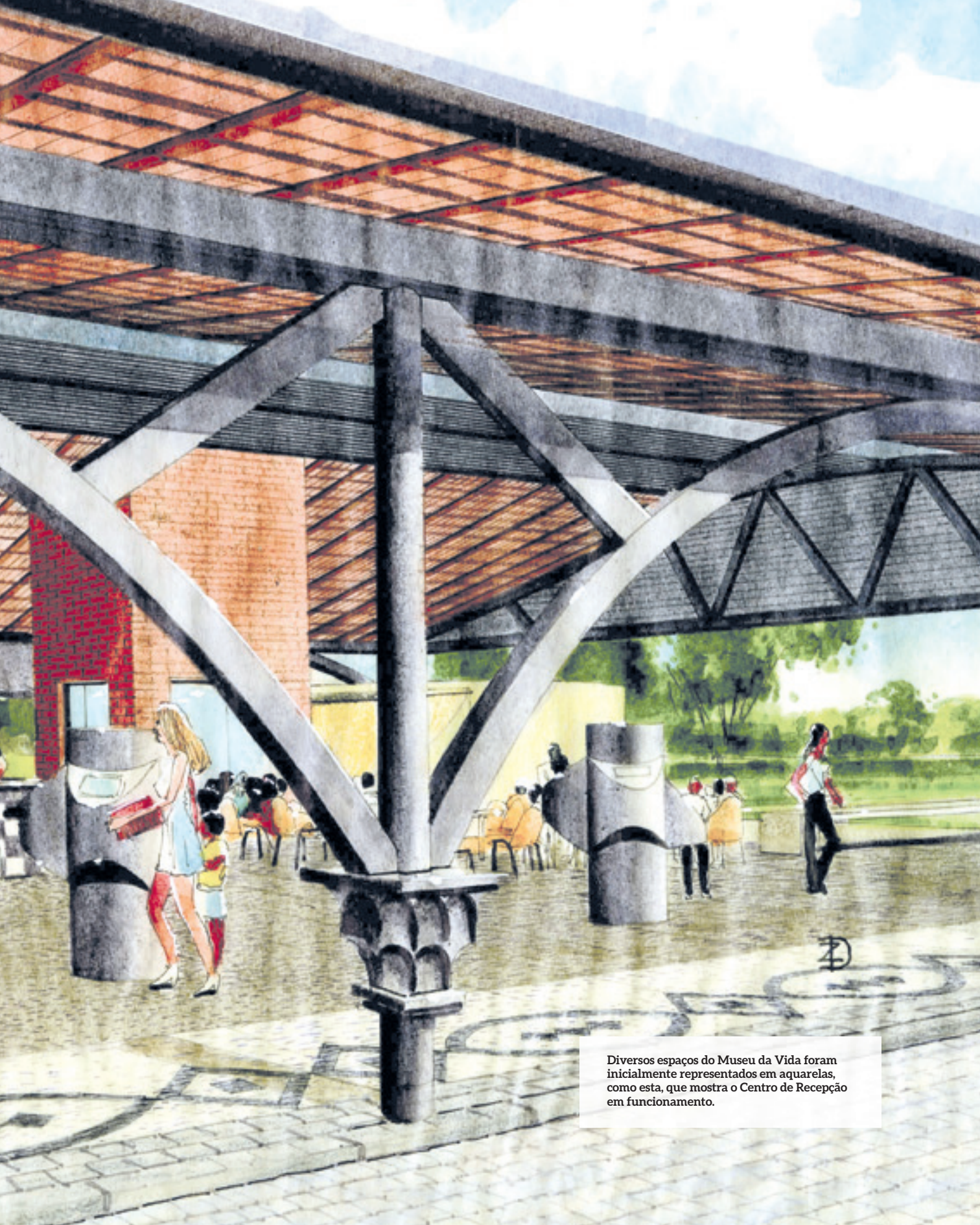


## Trenzinho da Ciência

Para organizar a visita ao Museu, composto por um conjunto de prédios e construções dispersas no *campus*, foi idealizado o Trenzinho da Ciência, que conduz o visitante em um passeio lúdico e introdutório pela história da Fiocruz, da ciência e da saúde no Brasil.

▲ Com capacidade para 42 passageiros, o trenzinho transporta os visitantes entre os espaços do Museu da Vida.

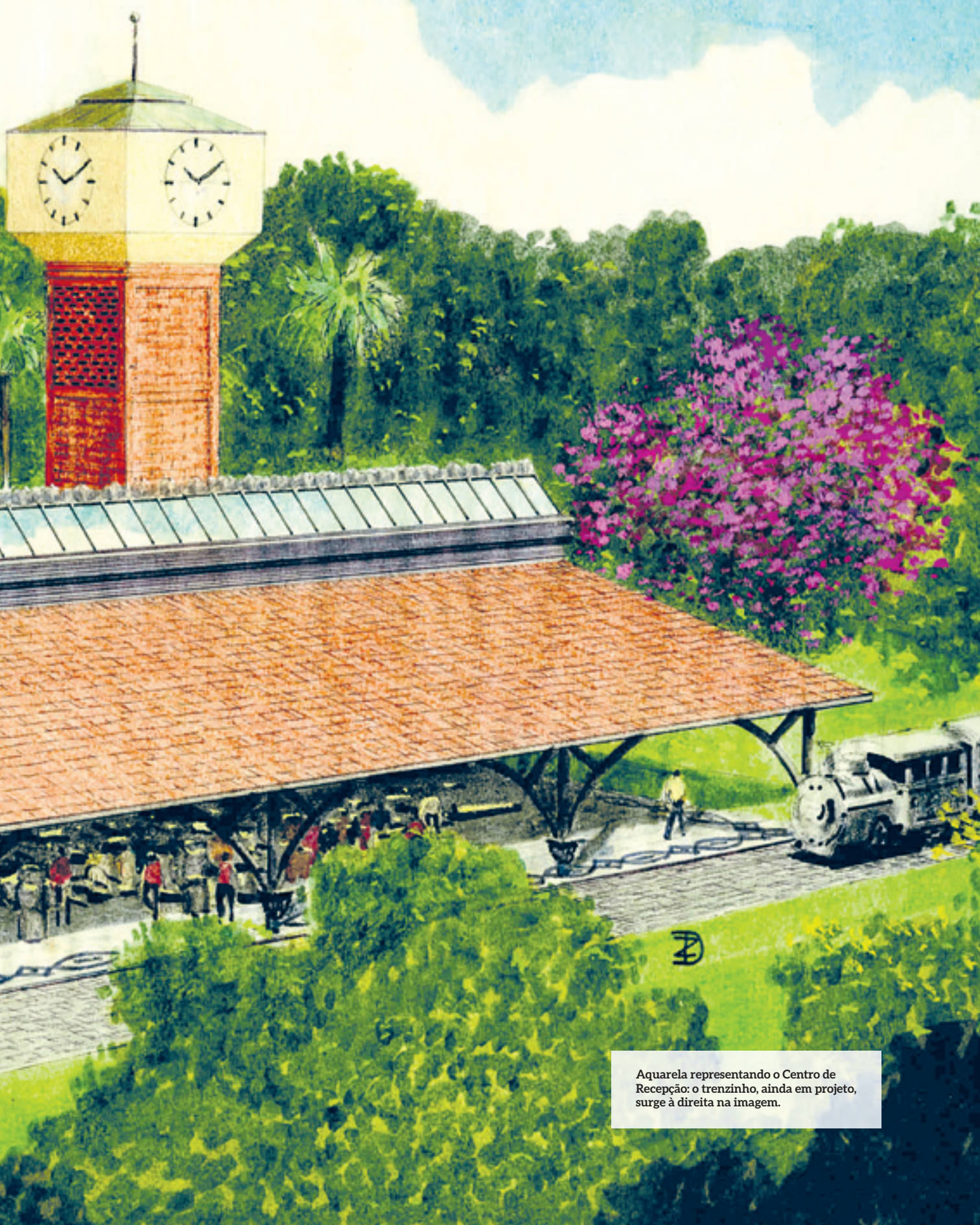




Diversos espaços do Museu da Vida foram inicialmente representados em aquarelas, como esta, que mostra o Centro de Recepção em funcionamento.







Aquarela representando o Centro de Recepção: o trenzinho, ainda em projeto, surge à direita na imagem.

# Cavalaria



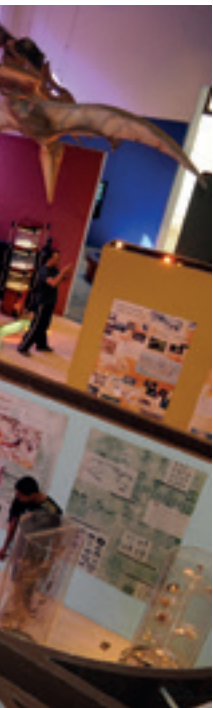
## Biodescoberta

O espaço Biodescoberta ocupou até 2013 o prédio da antiga Cavalaria, construído em 1904 e pertencente ao conjunto arquitetônico histórico da Fiocruz. A exposição de longa duração tinha como fio condutor o tema da biodiversidade, associada aos campos da história e da saúde, com ênfase nas inter-relações entre essas áreas. Para o desenvolvimento dessa exposição, buscou-se unir aspectos presentes nos diversos tipos de instituições museais: a dinâmica viva dos centros de ciência; a observação instigante dos acervos museológicos; o fascínio de composições cenográficas e espaços privilegiados para a realização de oficinas sob a orientação de mediadores. Após um exitoso período de exibição, o prédio passou por restauração, para dar lugar a uma nova exposição temática.





◀ À esquerda e acima, elementos expográficos e atividades interativas no espaço BIODISCOVERTA



## Espaço Passado e Presente

Segundo o projeto do Museu da Vida, a Cavalariça seria ocupada pelo espaço Passado e Presente, concebido para explorar as relações entre ciência e sociedade, além da história institucional, das ciências e das técnicas. Objetos, fotos, filmes e simulações de experiências pretendiam estimular o público a interagir com os conteúdos e acervos das exposições.

No entanto, a proposta original do espaço Passado e Presente foi abandonada, tendo sido substituída por uma exposição de longa duração no Castelo Mourisco, conforme será abordado no próximo capítulo.



O projeto inicial da "Biodescoberta" foi representado em aquarelas, como esta.





Módulo 'Mata Atlântica', do espaço "Biodescoberta", em aquarela.





# Ciência em Cena

A relação entre ciência e arte é um dos eixos centrais do Museu da Vida desde a sua concepção. Inicialmente, a integração entre os dois campos se deu em um espaço multimídia, instalado em uma tenda (ver página ao lado), com o objetivo de se criar e implementar atividades conjugando diferentes linguagens artísticas. Batizado Ciência em Cena, esse espaço se consolidou com a atual Tenda da Ciência Virgínia Schall e com uma construção anexa, o Epidaurinho, que conta com um palco e o Laboratório de Percepção.



▼ Tenda da Ciência durante a montagem (abaixo) e após sua finalização (acima).



▲ Interior do Epidaurinho.





◀ Nos projetos idealizados por Virginia Schall (à direita na foto), havia a ideia de um circo onde seriam encenadas peças para crianças e jovens.

## Tenda da Ciência Virgínia Schall

Um livro sobre o Museu da Vida não seria completo se não contasse a história da Tenda da Ciência, que desde 2016 leva o nome de sua idealizadora, a pesquisadora e educadora Virgínia Schall (1954 - 2015).

Originalmente, diversas tendas foram montadas para abrigar o Fórum Global, evento paralelo à Eco-92 (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento), que ocorreu no Rio de Janeiro em 1992, no Aterro do Flamengo.

Após o evento, um convênio entre a Fiocruz e a Prefeitura do Rio de Janeiro transferiu uma das tendas para o campus de Manguinhos. As demais tendas da

Eco-92 continuam ativas, sob gestão municipal, nos bairros de Anchieta, Campo Grande, Guadalupe, Jacarepaguá, Maré, Vista Alegre e Santa Cruz.

A nossa Tenda foi montada no espaço em frente à sala de trabalho da Virgínia e sofreu diferentes intervenções e adaptações entre 1994 e 1996, como instalação de banheiros, camarins, sistema de iluminação, entre outras. Desde então, a Tenda se tornou um dos elementos permanentes do projeto Espaço Museu da Vida, integrando o Ciência em Cena. Em 1996, em uma parceria entre o Instituto Oswaldo Cruz e o projeto do Espaço Museu da Vida, estreia *O Diário de um Adolescente Hipocondríaco*, primeira peça aberta ao público.

*“A Virgínia era uma pessoa muito especial, porque conseguia reunir várias dimensões: ela tinha uma criatividade, uma inquietude e uma capacidade imaginativa muito fértil e isso a tornava também uma cientista e pensadora de grande qualidade. (...) Ela tinha também uma capacidade muito grande de sistematização, de produção, de colocar as ideias em projetos. (...) Disso resultou, por exemplo, a vinda aqui para o campus do que a gente chamava de Tenda da Ciência, que foi uma sugestão e uma articulação feita pela Virgínia. (...) Aquilo ali foi um locus de experimentação muito significativo bem antes de o Museu ter a estrutura e a capacidade de permanência que ele veio a adquirir. (...) Nessa trajetória, o papel da Virgínia foi central. Primeiro como idealização, segundo como operação direta.”*, Paulo Gadelha, em entrevista concedida em 2016

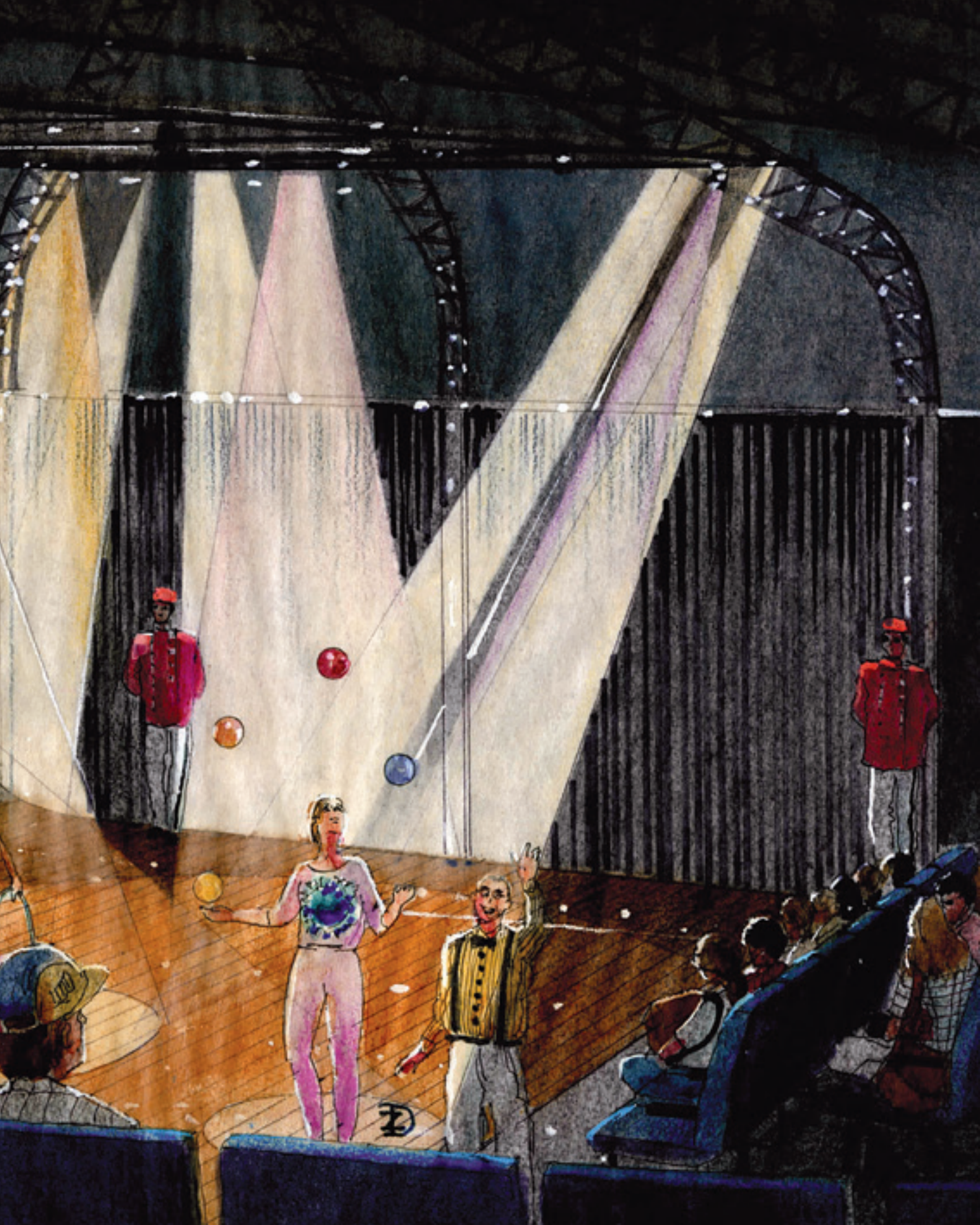


Diversas atividades, não implementadas, foram concebidas para ocorrer ao redor da Tenda da Ciência, como representado nesta aquarela.





Tenda da Ciência em uso, concepção artística em aquarela.



# Parque da Ciência

---



O Parque da Ciência foi projetado em uma ampla área ao ar livre de grande visibilidade no *campus* de Manguinhos e em uma área anexa construída, a Pirâmide. Foi concebido com a missão de instigar o interesse pela ciência por meio do tema comunicação, entendida como resultado de processos de transformação e interação de energia e responsável pela organização da vida.



▲ A atração do Parque, Célula Gigante em construção (acima) e finalizada (à direita). Ao longo do tempo, a Célula passou por reformas para ajustar-se às novas descobertas científicas no campo da citologia.





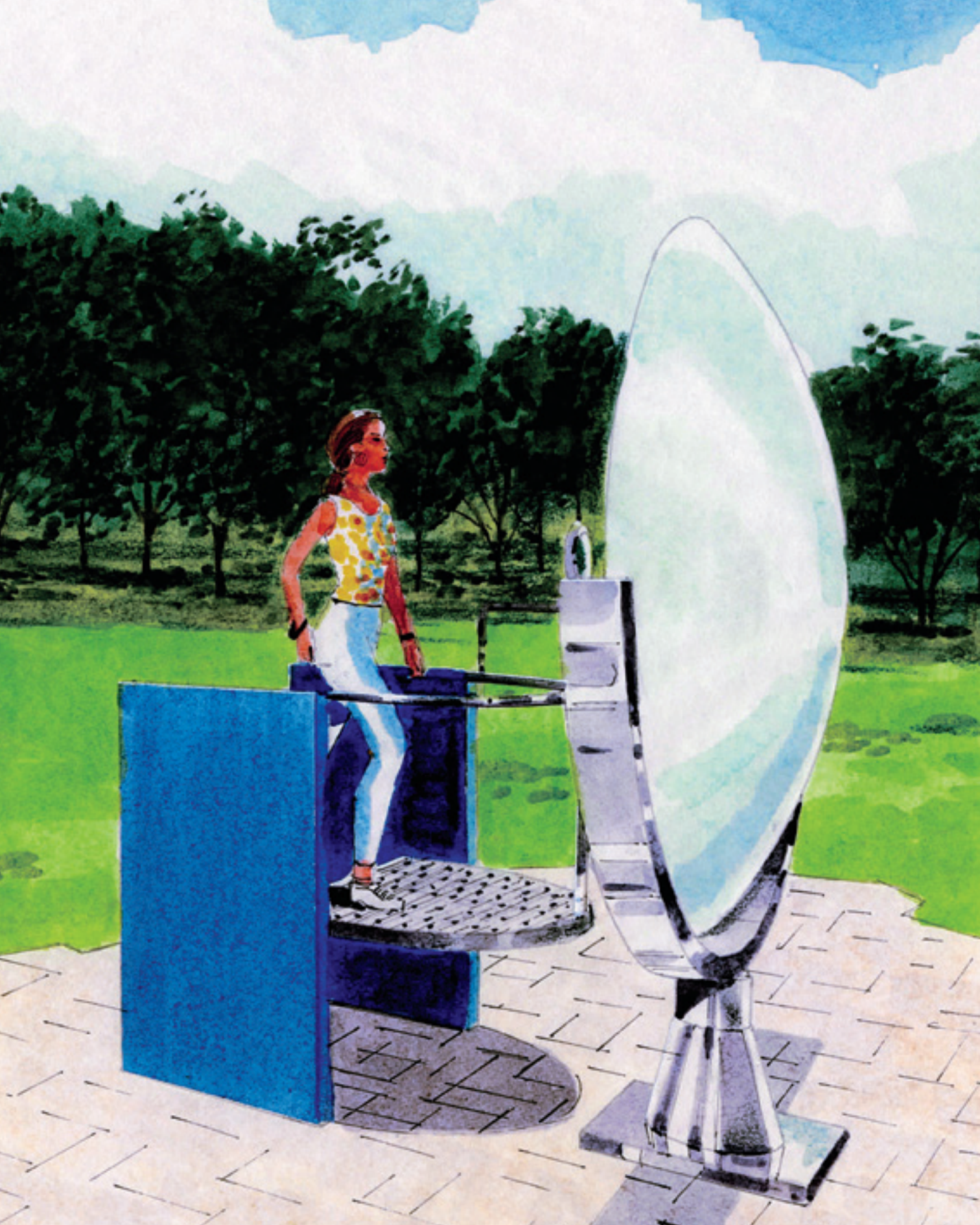
◀ Nesta página e na ao lado: vista geral do Parque da Ciência e de suas diversas atividades.







Concepção artística do Parque da Ciência, com destaque para os espelhos acústicos que seriam implementados. Posteriormente, esses equipamentos foram reformados para garantir acessibilidade a cadeirantes.







Desde sua concepção, o Museu da Vida já previa a realização de trilhas ao ar livre, como ilustrado nesta aquarela.

# Sede, Biblioteca, Auditório, Foyer e Sala de Exposições Temporárias

No início, os setores administrativos e de gestão do Museu da Vida funcionavam dentro de um *container* alugado, instalado junto ao Parque da Ciência. Em junho de 2005, foi inaugurado o conjunto arquitetônico resultante de uma intervenção radical nas antigas oficinas de metal e mecânica e no galpão da marcenaria da Fiocruz. A área destinada à sede propiciou instalações adequadas para as equipes e espaço para uma biblioteca especializada em popularização da ciência, atualmente chamada Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel, em homenagem à pesquisadora e educadora Maria Iloni Seibel Machado (1941 - 2013). O novo conjunto, que além de salas de trabalho, era composto por Auditório, Foyer e Sala de Exposições Temporárias, promoveu uma nova dinâmica no Museu, permitindo a realização de eventos e exposições de curta duração. Esse espaço se tornou um elemento de integração de todas as unidades da Fiocruz, que ali encontram condições de realizar seus eventos com conforto e qualidade técnica.



▲ Os galpões das antigas oficinas de metal, mecânica e marcenaria (acima) foram reformados para abrigar a sede e a sala de exposições temporárias do Museu (abaixo).



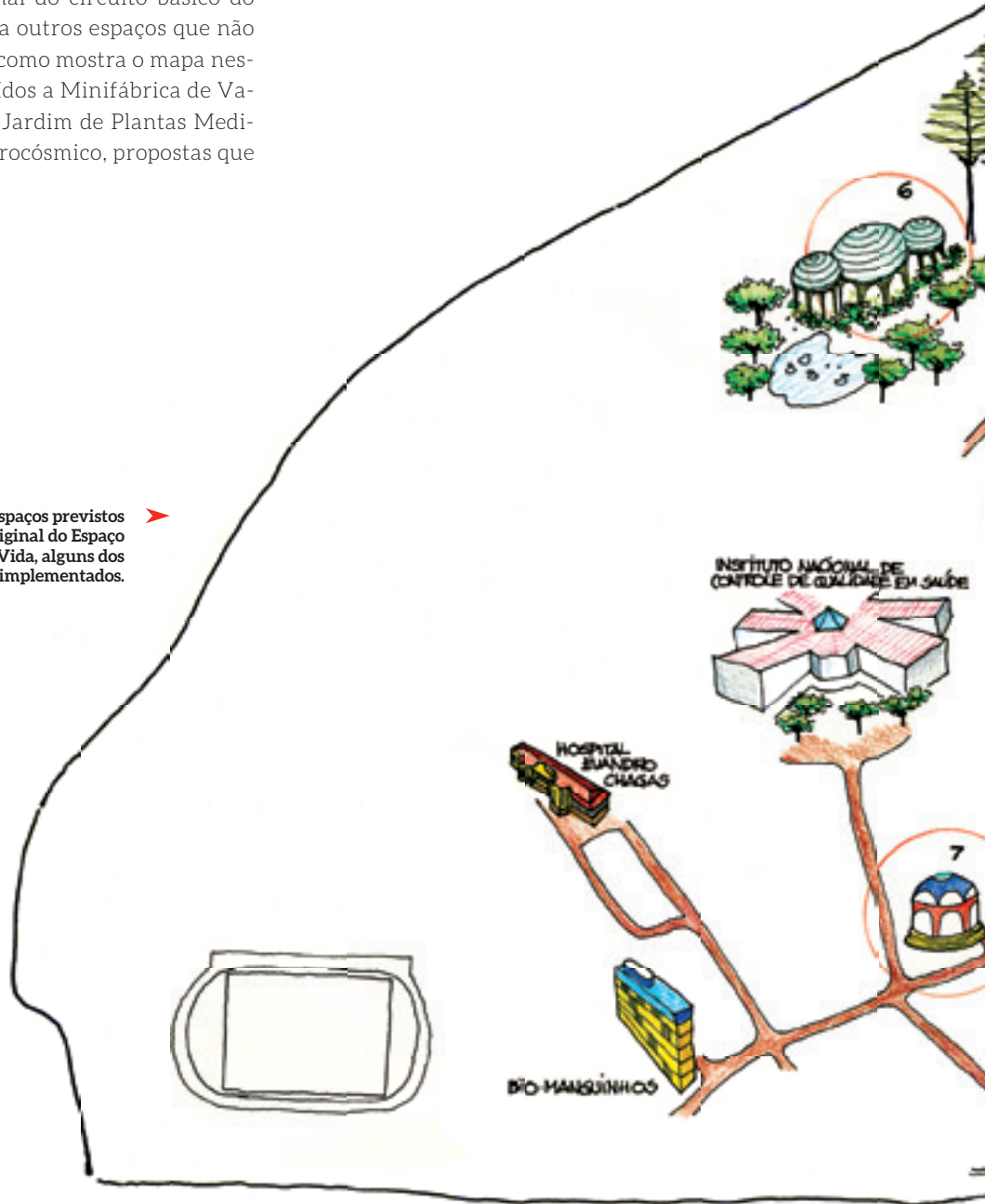


◀ Eventos no Foyer (ao lado) e no Auditório (no alto). Acima, Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel.

# Espaços planejados, mas não implementados

Ambicioso, o projeto original do circuito básico do Museu da Vida previa ainda outros espaços que não chegaram a se concretizar, como mostra o mapa nesta página. Nele, estão incluídos a Minifábrica de Vacinas, a Trilha Ecológica, o Jardim de Plantas Medicinais e o Observatório Microcômico, propostas que não saíram do papel.

Mapa dos espaços previstos no projeto original do Espaço Museu da Vida, alguns dos quais não implementados.





**CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA SAÚDE :  
ONDE SE FAZ, TAMBÉM SE MOSTRA .**

- 1-CASTELO MOURISCO : ESPAÇO DA DESCOBERTA E MOSTRA PERMANENTE (MUSEU HISTÓRICO)
- 2-MINI-FÁBRICA DE VACINAS, INSUMOS,ETC.
- 3-CIÊNCIA EM CENA : EDUCAÇÃO /ARTE/OBSCURA
- 4-TRILHA ECOLÓGICA
- 5-BONDE DA CIÊNCIA
- 6-JARDIM DE PLANTAS MEDICINAIS
- 7-OBSERVATÓRIO MICRO COSMICO



# Pombal



Ainda antes da inauguração do Museu da Vida - durante a gestão Arouca (1985-1989) -, o Pombal foi intensamente usado como espaço de atividades culturais, como o Pombal Gira, e festas. Posteriormente, passou por reformas visando sua restauração e adaptação para futuros projetos museológicos, não concretizados.

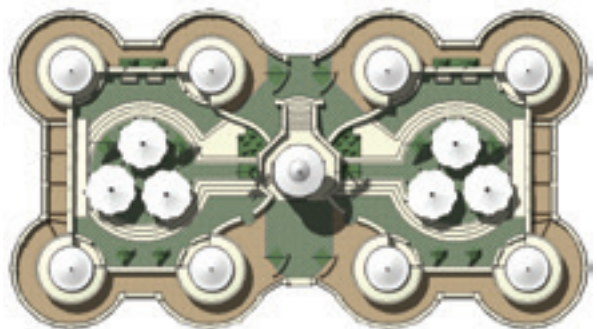
O projeto inicial do Museu já previa o uso do local para a realização de oficinas, exposições, concertos, palestras e outras atividades de divulgação científica e promoção cultural. Posteriormente, foram desenvolvidas outras propostas de ocupação e revitalização para transformar o Pombal em um espaço de exposições, de lazer e de apoio a eventos científicos e culturais da Fiocruz.

As propostas planejavam intervenções discretas e com pouco impacto visual, que respeitassem as características arquitetônicas originais, sem causar danos à construção. Para reduzir a temperatura e promover o conforto dos visitantes no verão, haveria plantio de árvores e instalação de estruturas de sombreamento artificial.

“Saúde e ambiente” foi o eixo temático escolhido para as atividades a serem desenvolvidas nesse local, que incluíam um grande tabuleiro de jogos ao ar livre e exposições sobre diversos temas. Visando o resgate e divulgação da história do Pombal, um dos quiosques se-

ria ambientado de forma a representar seu uso original como biotério (veja boxe a seguir).

Embora os projetos anteriores não tenham sido realizados, a revitalização do Pombal não foi esquecida. O espaço faz parte do Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (leia mais no capítulo 4), que prevê integrá-lo às trilhas do *campus* e transformá-lo em um espaço de convivência, lazer e atividades educativas voltadas ao tema “Saúde, ambiente e sustentabilidade”.



▲ Estudo para revitalização do Pombal, elaborado em 2007. As representações digitais ressaltam a arborização e a implantação de estruturas de sombreamento (no alto) e a simetria do conjunto (acima).

Localizado na base da colina onde se situam o Castelo Mourisco e a Cavalaria, o Pombal foi construído em 1904 como um viveiro para pequenos animais, função que manteve até a década de 1960.

O espaço é constituído por oito quiosques, divididos em nichos que abrigavam aves, ratos, coelhos e porquinhos-da-índia saudáveis (animais inoculados eram mantidos no biotério). Tanques adjacentes serviam de criadouro para cágados e rãs. Caminhos sinuosos e duas praças circulares interpõem-se entre os quiosques e, no centro, destaca-se uma torre – o pombal propriamente dito. A construção forma um conjunto retangular simétrico, com poucos ornamentos, cercado por um muro.

▼ **Entrada do Pombal, com destaque para a torre central. Ao fundo, parte do Castelo Mourisco.**





Nesta aquarela, visitantes passeiam pelo Pombal revitalizado.

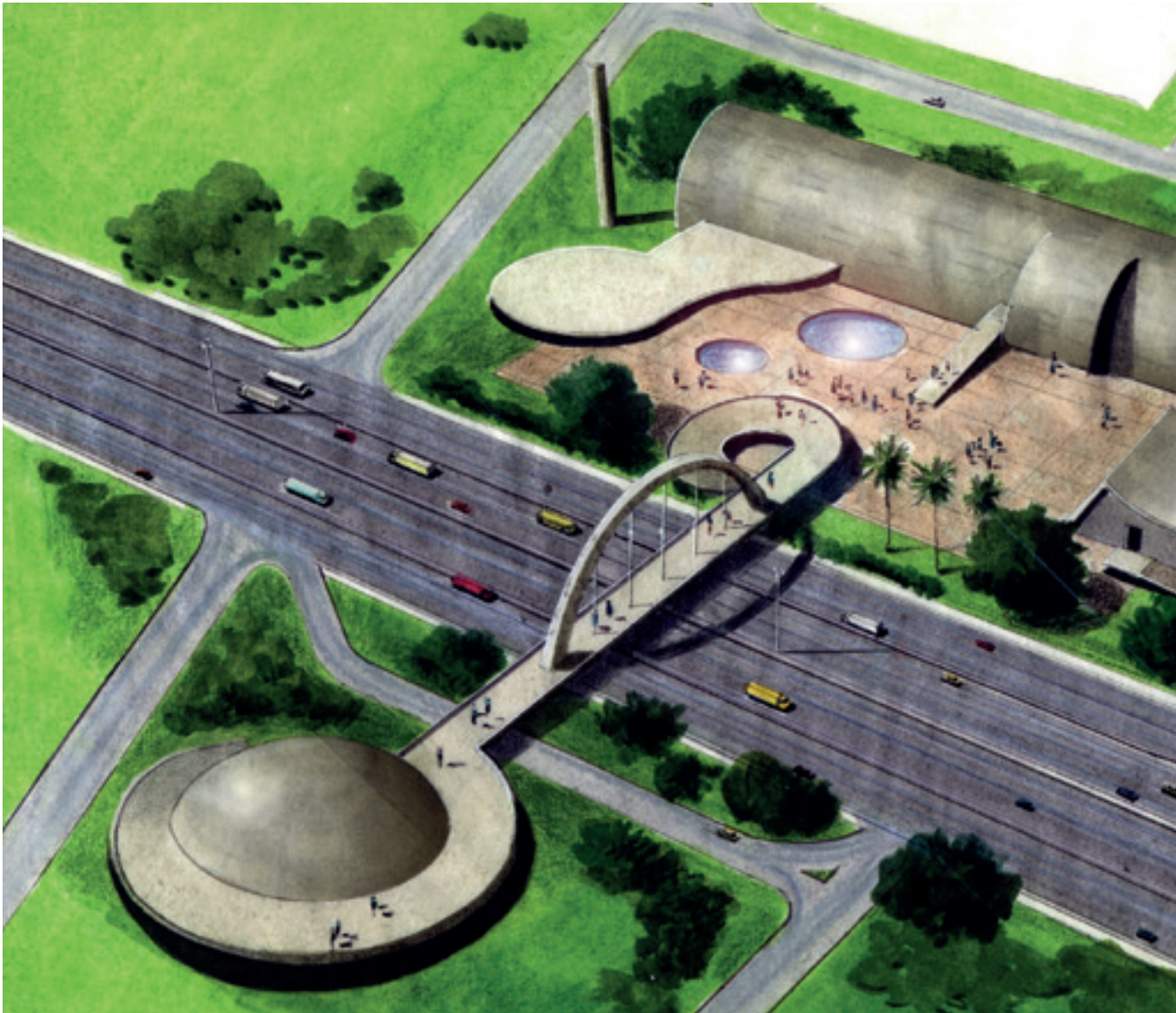


# Projeto Niemeyer

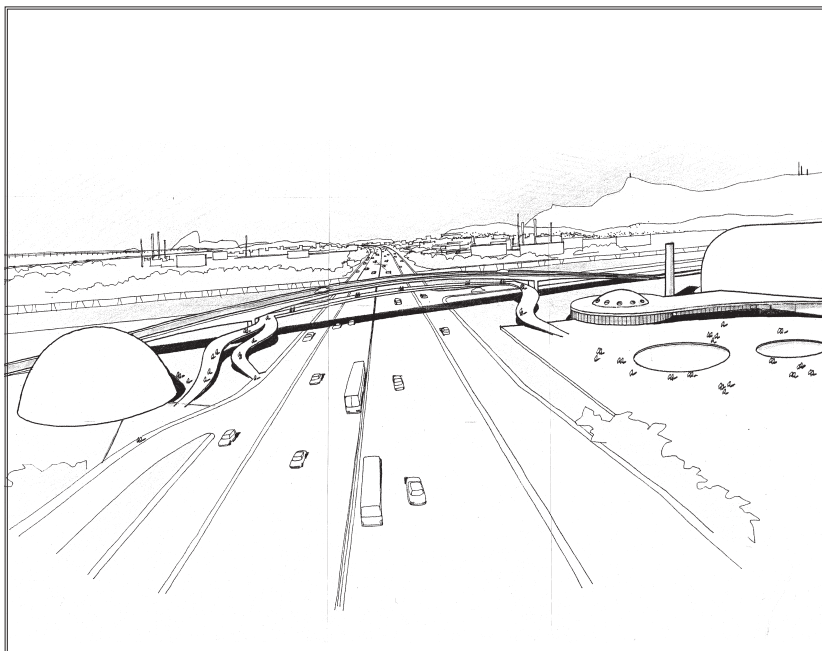
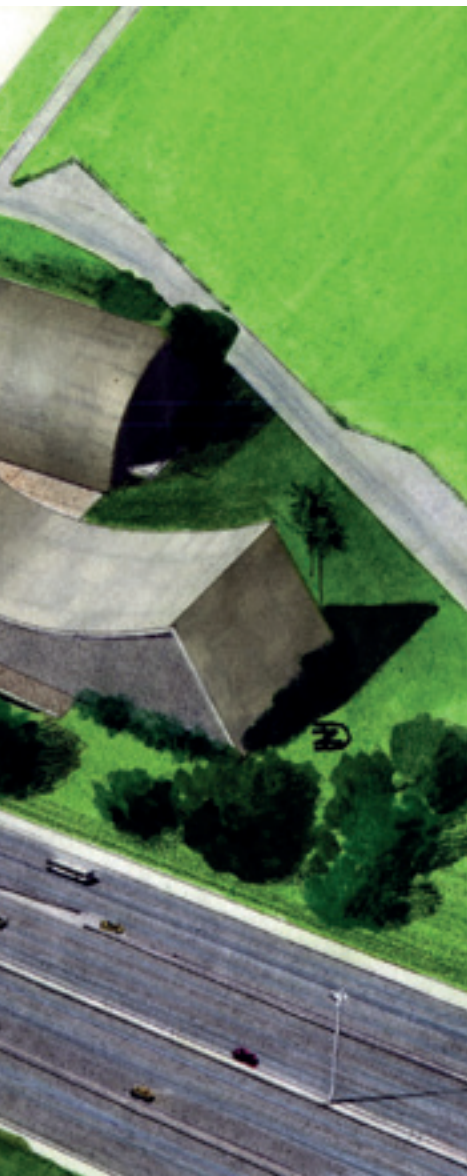
---

Além dos espaços mencionados, o projeto do Museu da Vida incluía o Complexo de Difusão Cultural e Científica, apelidado de "Projeto Niemeyer", em referência ao arquiteto que o projetou.

Apesar de nunca ter se concretizado, a complexidade do projeto (veja boxe ao lado) representa a efervescência de ideias e expectativas em torno da criação do Museu.



▼ Representação em aquarela do Complexo de Difusão Cultural e Científica, cujo projeto, assinado por Niemeyer, não foi executado.



*“O complexo Niemeyer tinha um pavilhão enorme, que a gente chamava de rocambole, onde haveria exposições de longa duração, exposições temporárias e a sede do Museu. Previa um centro de convenções, com um auditório de 1.200 lugares, outro de 300 lugares e salas. O centro de convenções, com um palco italiano, tinha uma abertura enorme para a praça, para realização de eventos. Esse palco era reversível: tanto poderia apresentar-se para o auditório maior quanto para a praça. Tinha um outro prédio que seria de restaurante, de livraria, certos tipos de serviços, e uma passarela sobre a Avenida Brasil, onde passariam carros e pedestres. Do outro lado [da Avenida Brasil], teria um Museu de Microscopia e um cinema de 180°”, José Ribamar Ferreira, em entrevista concedida em 2016.*

“[Na década de 1980], havia um contexto político interno e externo à Fiocruz de redemocratização. Na Fiocruz, esse núcleo era liderado por Sergio Arouca, com um grupo bastante forte de pesquisadores e gestores, o qual incorporou Paulo Gadelha para a implantação da Casa de Oswaldo Cruz. Juntamente com esse contexto interno à instituição e o cenário político do país, havia um contexto externo de valorização da educação científica e de aproximação da ciência com a sociedade. Antes disso, os Estados Unidos já vinham observando que, em comparação com os países do Ocidente, eles estavam um pouco em desvantagem em termos de conhecimento das relações entre ciência e sociedade. (...) A Unesco também fez um trabalho muito grande, com reuniões internacionais no Brasil, na Argentina, no México, em diversos países, mostrando a necessidade de modernização do ensino de ciências e da aproximação da ciência com os cidadãos. No Brasil, veio também a revolução interativa, vamos dizer assim, com uma nova interatividade proposta pelo [Frank] Oppenheimer no Exploratorium de São Francisco (EUA), em 1969. No Brasil, o Museu da Vida não era propriamente pioneiro, porque ele vem, na verdade, no bojo de uma geração de museus de finais dos anos 70: em 1979, por exemplo, foi inaugurado o Museu de Ciência e Tecnologia da Bahia, já antenado com as perspectivas de atividades do Exploratorium, de imersão intelectual, envolvendo a emoção, e o conceito de *hands-on*. Ao longo dos anos 1980, alguns museus e centros de ciência também foram inaugurados, como o Espaço Ciência Viva, em 1982, o Museu de Astronomia e Ciências Afins [ambos na cidade do Rio de Janeiro], o Centro de Divulgação Científica e Cultural, lá de São Carlos [SP], o Estação Ciência, de São Paulo [capital]. Então tinha esse verdadeiro furor da interatividade tomando conta dos museus do mundo.”

**José Ribamar Ferreira,**  
em entrevista concedida em 2016

“Nós conseguimos um suporte do British Council para fazer uma viagem de visita técnica para buscar *benchmarks* nos museus mais relevantes da Inglaterra e da França. E essa viagem foi extremamente significativa porque a gente fez uma verdadeira tourada. À época a gente já tinha uma concepção montada. Eu brincava que todo mundo era aprendiz de feiticeiro porque ninguém vinha de uma atividade museológica e nem tinha formação consolidada em museus de ciências. Ninguém tinha trabalhado com grande intensidade e nem era profissional dessa área. Mas a capacidade de elaborar, colocar questões, formular problemas ligados a um contexto tanto geral dos campos da epistemologia da história da ciência e da sociologia da ciência, como também a capacidade de contextualizar situações de natureza nacional e institucional, fez com que a gente conseguisse, nesse giro – que poderia ter sido apenas um giro formal de uma instituição que está indo visitar museus –, colocar temáticas e questionamentos que eu considerarei tão relevantes que as pessoas que iam nos receber por uma deferência ficavam horas discutindo conosco. Então isso nos ajudou muito porque as inquietações que eles tinham eram inquietações que geraram novidade também, dialogavam com o que estava na fronteira. E eles começaram a ver que aqui estava se gestando uma possível experiência nova, num contexto novo.”

**Paulo Gadelha,**  
em entrevista concedida em 2016

“A ideia foi sempre a de se criar o Museu da Vida de forma descentralizada na Fiocruz, aproveitando as unidades da instituição. Formular uma proposta dessas seria um caos. Eu levei essa questão para o Gadelha e para a Nísia e falei: ‘Olha, é praticamente impossível dar conta de um projeto desse em termos de orçamento, de custo. A gente precisa ter uma estratégia, uma divisão entre um circuito básico, que nossas pernas consigam alcançar, e uma proposta mais de futuro que seria o setor definitivo. Mas não de forma descentralizada, porque continuaria o problema de circulação de pessoas dentro do *campus*. Tem situações até de segurança, em termos biológicos, você não pode ter crianças soltas pelo *campus*, é preciso ter um circuito disciplinado’. (...) Então, a gente apresentou uma proposta dividida em dois circuitos, o primeiro circuito é que seria financiado [pelo edital]. O circuito definitivo foi o projeto de Oscar Niemeyer. (...) Era evidente que o projeto Niemeyer tinha um custo, não conseguimos captar o recurso e ele acabou não indo à frente. Mas ele conformou expectativas e permitiu a criação do circuito básico sem grandes resistências.”

**Gilson Antunes,**

em entrevista concedida em 2016

“Houve, também, uma contribuição importante de algumas exposições ligadas a eventos comemorativos internacionais: a exposição “Vida”, realizada no ano Pasteur [montada em 1995 no Espaço Cultural dos Correios] foi bastante importante. Ela representou a tentativa de unir os pesquisadores da área biomédica que trabalhavam biodiversidade à equipe que já estava concebendo o Museu da Vida. Fui uma das curadoras dessa exposição junto com Luís Antônio Teixeira, Luiz Otávio Ferreira e Gilson Antunes. Nós fizemos várias discussões de como trabalhar a questão da vida para o evento de uma forma diferente. Eram umas discussões muito loucas. A gente imaginava como representar a linha do tempo, em termos de uma escala geológica, de forma não linear. Então discutia-se Stephen Jay Gould e como representar a imagem da origem: seria uma espiral? Seria um balde? Eu nem me lembro se a solução foi tão eficiente para demonstrar o que a gente queria, mas a discussão foi muito boa. E a exposição ficou muito interessante, porque ela refletiu esse diálogo e também trouxe aspectos de diferentes cosmogonias, diferentes teorias. A exposição “Vida” ficou bastante interessante, como espaço de pensar a divulgação científica não como uma mera propaganda de uma ciência já acabada, mas mostrando essas tensões da ciência.”

**Nísia Trindade,**

em entrevista concedida em 2015

“Em 1994 o projeto do Museu da Vida começou a se desenvolver com mais intensidade, bastante estimulado por um edital da Fundação Vitae em associação com a Capes para a criação de museus de ciência no Brasil. Assim, não só atividades pontuais de divulgação científica estavam sendo incentivadas, mas estruturas mais formais, como museus, numa versão mais contemporânea envolvendo interatividade. Isso deu mais corpo às iniciativas de divulgação científica, que antes eram fruto mais do empenho e da ação voluntária das pessoas que militam nessa área. Houve, então, um incentivo institucional, o que é muito importante. [Paulo] Gadelha e o presidente da Fiocruz à época – Carlos Morel, também um incentivador da divulgação científica – viram como uma oportunidade.”

**Nísia Trindade,**

em entrevista concedida em 2015



## Carla Gruzman, Maria Paula Bonatto

Contribuíram: Ana Carolina Gonzalez, Carla Almeida, Diego Vaz Bevilaqua, Héilton Barros, Marcus Soares, Marina Ramalho, Miliana Fernandes, Pedro Paulo Soares, Sonia Mano, Tereza Costa

# Práticas

Qual o papel social dos museus e centros de ciências? O que fazer para despertar no público o interesse pela ciência e criar novas oportunidades de acesso à cultura? Como sensibilizar as pessoas para o patrimônio tangível e intangível presente nesses espaços? Este capítulo relata as principais práticas desenvolvidas no Museu da Vida com o intuito de ampliar e fortalecer sua relação com a sociedade.

A dimensão educativa enfatizada no Museu é uma resposta às demandas sociais por democratização do conhecimento e amplo acesso a espaços culturais. Nesse contexto, o Museu da Vida procura construir práticas comprometidas com uma educação inclusiva e emancipatória, engajada nas lutas em prol da saúde plena, e com a constituição de uma visão crítica do mundo no qual vivemos e o qual desejamos transformar. Como diretrizes para o trabalho educativo, destacam-se também o enfoque histórico, a multidisciplinaridade e a interatividade.

Uma marca de nossas práticas educativas é a formação de estudantes universitários que atuam como mediadores nos diferentes espaços do Museu para motivar e instigar o público. Os mediadores propõem perguntas para o público, promovem a escuta e o diálogo criativo e abrem espaço para a reformulação de ideias e a construção de novos conhecimentos.

A fim de oferecer ampla variedade de ações e atividades orientadas a seus diversos públicos, o Museu da Vida tem investido esforços para conhecer melhor seus visitantes, um movimento que considera central. Por outro lado, permanece o desafio de se criar estratégias para dar acesso pleno ao Museu às parcelas da população que não possuem o hábito de frequentar tais espaços ou não conhecem, não se identificam ou não se sentem motivadas pelas atividades oferecidas por essas instituições. Nesse sentido, o Museu da Vida tem atentado para a diversidade de expressões culturais existente nas comunidades de seu entorno. Desde a inauguração, desenvolve ações territorializadas com o intuito de ampliar sua interação com moradores da região em que está inserido. Essa diretriz se torna ainda mais pertinente quando constatamos que o Museu da Vida é um dos raros aparelhos culturais localizados em Manguinhos, uma entre várias zonas do Rio de Janeiro socialmente vulneráveis.

Entendemos o museu como um lugar de encontro, em que ocorrem trocas de experiências e construção de saberes. Por isso, práticas de formação e pesquisa estão presentes desde sua origem. Os programas de formação são voltados para estudantes e profissionais de diversos níveis, desde o Ensino Médio, até a pós-graduação. As linhas de pesquisas desenvolvidas

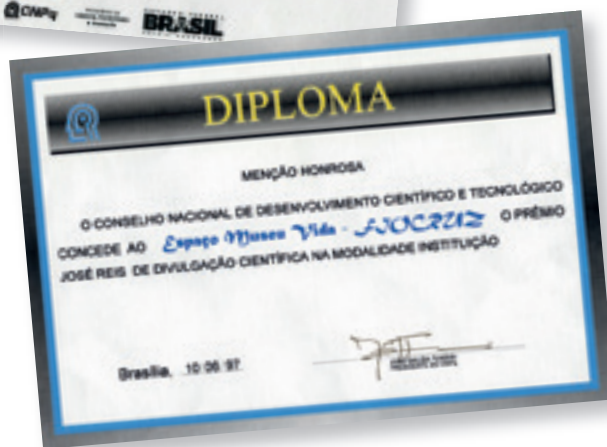


no Museu da Vida abrangem estudos de público e de avaliação, educação não formal em ciências e saúde, e estudos sobre divulgação científica em seus diversos formatos, plataformas e aspectos históricos.

O Museu da Vida é ainda responsável pela guarda e conservação de patrimônio museológico da Fiocruz. O acervo é composto por cerca de duas mil peças representativas da história da ciência e tecnologia nos campos da saúde e biomedicina. Os objetos do acervo são fontes de informação disponíveis para a consulta pública e para serem explorados em atividades educacionais e exposições histórico científicas.

Por fim, buscamos expandir nossas atividades para além de nossos muros. Por meio de parcerias com universidades, prefeituras e outras instituições, o Museu da Vida leva exposições itinerantes para diferentes cidades do Brasil. Nossa unidade móvel, instalada em um caminhão, já viajou cerca de 67 mil quilômetros por diversos municípios da região sudeste do país.

Até 2017, ano de nosso 18º aniversário, o Museu da Vida atendeu cerca de 3,4 milhões de pessoas em atividades gratuitas e abertas ao público, contribuindo para popularização de temas relativos à ciência, tecnologia e saúde.



▲ Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica (categoria Instituição ou Veículo de Comunicação), concedido pelo CNPq à Fiocruz em 2015, um reconhecimento pelas ações que divulgam a ciência em prol da promoção da saúde e da cidadania. Em 1997, o Espaço Museu da Vida já havia recebido uma Menção Honrosa do mesmo Prêmio.

### Missão institucional

Despertar o interesse e promover o engajamento do público em ciência, tecnologia e saúde e seus processos históricos, visando a promoção da cidadania e a melhoria da qualidade de vida.

# Exposições

---

As exposições simbolizam uma das práticas mais características de museus e, muitas vezes, constituem sua principal interface com o público. No Museu da Vida não é diferente: as exposições mobilizam parte importante da nossa equipe e atraem um número expressivo de visitantes. Desde sua inauguração, mais de dois milhões de pessoas já passaram pelas mostras temporárias e de longa duração desenvolvidas pelo Museu.





# Exposições de longa duração

Montadas em espaços nobres do Museu da Vida, as exposições de longa duração abordam temas relacionados à vida, energia, comunicação, percepção, saúde e história da instituição.

▶ Pedalar para criar ondas de diferentes comprimentos, decifrar códigos e tirar uma *selfie* com cientistas do passado são algumas atividades do Parque da Ciência.



## Parque da Ciência

Transformar sua própria energia em luz, entender como o vento pode tirar água de um poço e escalar um modelo de célula gigante. Essas são apenas algumas das atividades encontradas pelos visitantes na área externa do Parque da Ciência, que explora os temas Energia, Comunicação e Organização da Vida, por meio de cerca de 15 aparatos interativos. Essas

temáticas também são tratadas dentro da Pirâmide, onde o foco principal são jogos e experimentos. O visitante pode montar modelos de células com materiais caseiros, descobrir como as lentes funcionam, observar protozoários, insetos e tecidos do corpo humano em microscópios, entre outras atividades, em um ambiente lúdico e atraente.



◀ A Célula Gigante, que representa uma célula humana ampliada 300 mil vezes, destaca-se na paisagem do Parque da Ciência.



## Borboletário

Olho-de-coruja (*Caligo illioneus*), ponto-de-laranja (*Anteos menippe*), borboleta-brancão (*Ascia monuste*) e Julia (*Dryas iulia*) são as espécies de borboletas que habitam o Borboletário da Fiocruz, reaberto em 2015, fruto de uma parceria entre o Museu e o Instituto Oswaldo Cruz. Nele, o visitante pode acompanhar o desenvol-

vimento das etapas iniciais da vida dessas borboletas, desde a fase de larva até a adulta. Além disso, é possível conhecer os hábitos alimentares das borboletas, o segredo por trás das cores de suas asas, as táticas e estratégias que utilizam para sobreviver e ainda descobrir a diferença entre borboleta e mariposa.

No Borboletário, os insetos alimentam-se principalmente de frutas, como esta borboleta olho-de-coruja. ➤





◀ A sala que era usada por Oswaldo Cruz abriga atualmente uma exposição em sua homenagem.

## Passado e presente

O espaço Passado e Presente foi implementado no Castelo Mourisco em 2008, em forma de exposição de longa duração. A partir de peças do acervo museológico e documental do Museu da Vida, tais como fotos, documentos históricos, instrumentos de trabalho, objetos pessoais e cartas, a exposição aborda a vida e a trajetória profissional dos cientistas Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, fundadores da instituição.



▲ A visita ao Castelo Mourisco encanta quem conhece o espaço Passado e Presente.



## Laboratório de Percepção

Como funciona a projeção no cinema? Como a vista nos engana e nos faz ver movimento onde não há? Como pode vermos cores onde só tem preto e branco? Fenômenos da luz são explorados no Laboratório de Percepção, espaço expositivo que combina conteúdos de



física e biologia com cultura, emoções e o processo de aprendizagem. Localizado no Epidaurinho, que compõe o espaço Ciência em Cena, o Laboratório de Percepção conta com módulos e painéis interativos, além de vídeos que são exibidos aos visitantes.

Diversão garantida, a visita ao Laboratório de Percepção agrada crianças e jovens.





# Exposições temporárias

Até o ano de 2016, o Museu da Vida exibiu em torno de 70 exposições temporárias sobre temas ligados à ciência, à saúde, à sociedade e à história da Fundação Oswaldo Cruz. A maior parte foi concebida e desenvolvida pela própria equipe do Museu; outras são resultado de parcerias com várias instituições.

No campus-sede da Fiocruz, em Manguinhos, as exposições temporárias são exibidas em dois salões preparados para este fim. E, por meio de ações de itinerância, muitas já percorreram as cinco regiões do Brasil (veja boxe na página ao lado).

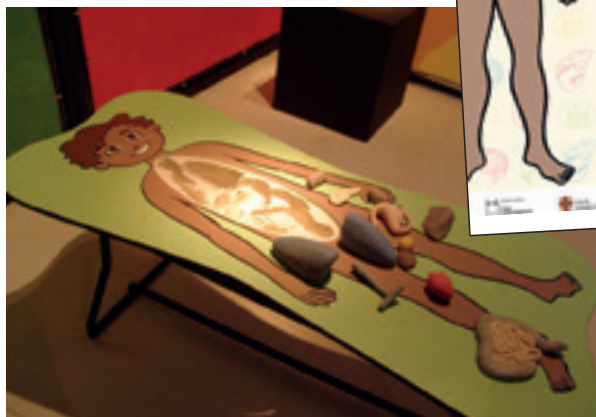
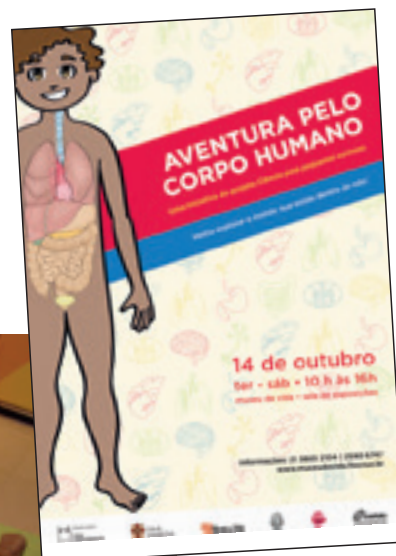


▲ No ano 2000, os cinco séculos de explorações no território brasileiro foram retratados na exposição “A Ciência dos Viajantes”.

◀ Esqueleto de orca, peça da exposição “Baleia à vista”, que recebeu cerca de 200 mil pessoas em 2003.



◀ A promoção da saúde e o autocuidado foram tema da exposição “Vias do coração”, montada pela primeira vez em 2008.



▶ Com atividades lúdicas e interativas, “Aventura pelo corpo humano” foi sucesso entre o público infantil em 2010.

## Exposições itinerantes

Em 18 anos de atuação, o Museu da Vida realizou cerca de 65 exposições itinerantes, que foram montadas mais de 240 vezes, em 22 estados brasileiros - além de uma exposição em Portugal -, recebendo quase 1,7 milhão de pessoas. Algumas exposições tiveram visitação superior a 200 mil pessoas; outras receberam prêmios internacionais. Ao longo de sua história, as exposições itinerantes correspondem a um pouco mais da metade de todo o público atingido diretamente pelas ações de divulgação científica do Museu da Vida.

## Elementar – a química que faz o mundo

Inaugurada em 2011, definido pela Unesco como o Ano Internacional da Química, a exposição abordou, por meio de oficinas e aparatos interativos, o desenvolvimento da química e seu impacto em nossas vidas. Entre os atrativos da exposição, ganhou destaque uma grande tabela periódica interativa, premiada no concurso de design interativo *Interaction Awards*, em 2012.



Os visitantes da exposição "Elementar – a química que faz o mundo", montada no Museu da Vida em 2011, foram convidados a conhecer os elementos que compõem o mundo à nossa volta, incluindo nós mesmos. ➤





◀ Discutir o impacto das ações humanas sobre o ambiente e a sociedade foi o objetivo da exposição "Nós do mundo", inaugurada em 2012.



◀ Concebida para o público infantil, a exposição "Floresta do Sentidos" (2013) proporcionou uma experiência de imersão dentro de uma floresta cenográfica.





▲ Montada em 2015, “Pelos caminhos do SUS” discutiu a construção do sistema de saúde pública no Brasil.

- ▼ Simulando o cenário de uma casa, “Dengue interativa” (2015) lançou mão de vídeos, animações, maquetes, microscópios e atividades práticas para conscientizar o visitante sobre a doença e as formas de preveni-la.



- ◀ Na entrada da exposição, um grande modelo de *Aedes aegypti* impressiona os visitantes.

# Ciência e arte

Na história do Museu da Vida, ciência e arte sempre andaram lado a lado. Nessa relação, a arte não é um mero instrumento para falar de ciência ou vice-versa. No Museu, essa articulação considera as facetas que ambas compartilham e sua presença em nossas vidas enquanto parte da cultura e da expressividade humana. Juntas, ciência e arte nos acompanham pela vida, expandindo nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Desde a sua criação, o Museu da Vida se destaca pelas iniciativas que desenvolve entrelaçando ciência e arte, especialmente nos campos do teatro e da literatura.

## Teatro no Museu da Vida

O Museu da Vida destaca-se entre os espaços de divulgação científica e cultural por incluir peças e esquetes teatrais em sua programação permanente. Para tanto, conta com uma equipe formada por atores e estudantes de artes cênicas, técnicos de som e iluminação e outros profissionais que desenvolvem e executam as diversas etapas envolvidas em cada projeto, desde a escolha e adaptação do texto até a direção e encenação dos espetáculos. Algumas peças do repertório foram, inclusive, concebidas e escritas pela própria equipe de teatro, que atua junto ao espaço Ciência em Cena.

O Museu da Vida conta com locais privilegiados para receber a plateia de suas atividades teatrais. A Tenda da Ciência Virgínia Schall, com capacidade para 120 espectadores, é o principal deles. Tem também o Epidaurinho, um pequeno e acolhedor teatro de arena, que ocupa uma área subterrânea próxima à Tenda. O Castelo Mourisco, a Cavalaria e outros espaços, dentro e fora do Museu, também podem e têm servido de cenário para nossas incursões nas artes cênicas.

Até o momento, o Museu da Vida produziu e encenou 16 peças, que atingiram mais de 60 mil espectadores. Este número torna-se ainda mais expressivo quando consideramos que a maioria é composta de estudantes





## O Museu da Vida apresenta...

1996 O Diário de um Adolescente Hipocondríaco\*

1997 Mensageiro das Estrelas

2001 O Mistério do Barbeiro

2003 Lição de Botânica

2008 Nos Tempos da Revolta da Vacina

2009 No Tempo de Oswaldo Cruz

2010 Pergunte a Wallace

2010 O Que é Que Ele Tem, Doutor?

2011 Sangue Ruim

2011 Conferência Sinistra

2012 Aventuras no Castelo

2012 Filosofia de um Par de Botas

2013 Aprendiz de Feiticeiro

2014 Curumim quer Música

2015 O Rapaz da Rabeca e a Moça Rebeca

2016 A Vida de Galileu

+ Eventos e mostras:

2003 a 2009 Seminário Arte e Ciência na Boca de Cena (5 edições)

2006 a 2008 Mostra de Teatro, Ciência e Cidadania (3 edições)

2010 a 2011 Sarau Científico (5 edições)

*\*Produzida pelo Centro de Educação em Ciência do Espaço Museu da Vida em parceria com o LEAS - Laboratório de Educação Ambiental e Saúde / IOC / Fiocruz. Todas as outras foram produzidas dentro do espaço Ciência em Cena do Museu da Vida.*





ainda em período de formação, moradores das zonas norte e oeste do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. Para muitos deles, a visita ao Museu da Vida propiciou também a primeira experiência com o teatro.

Ao promover a formação de plateia e incluir públicos com pouco acesso às artes cênicas, o teatro é uma das ações do Museu da Vida que vão além da nossa missão enquanto instituição museológica e de divulgação científica.

Ver o encantamento no rosto da plateia nos deixa felizes e, ao mesmo tempo, nos leva a perguntar: Quantos destes espectadores terão oportunidade de voltar a um teatro? Que influência o contato com a dramaturgia terá em suas vidas? Estamos desenvolvendo pesquisas para encontrar essas respostas, mas, mesmo sem tê-las ainda, confiamos no poder da arte e da ciência de expandir os horizontes de nossa visão de mundo e de nossa capacidade de intervir sobre ele.

## Contadores de Histórias

Quando o assunto é ciência e literatura, o Museu da Vida tem muita história para contar. Desde 1999, o grupo Contadores de Histórias trabalha com o estímulo à leitura e à divulgação científica por meio da leitura de contos, poemas e livros infanto-juvenis para o seu público. Um tema diferente é escolhido a cada mês; alguns infantis, outros para adultos. Músicas, projeções e adereços ajudam na encenação das histórias. Após a apresentação, um pesquisador convidado conversa sobre o assunto abordado com a plateia. Além de despertar o interesse do público pela literatura e pela ciência por meio da fantasia e da ficção, a atividade aproxima visitantes e pesquisadores, desmistificando o fazer científico e promovendo o diálogo e a troca de ideias.

▼ Em comemoração ao Dia da Consciência Negra, contos sobre a cultura africana ganham vida na voz dos Contadores de História, em novembro de 2014.



# Mediação



No Museu da Vida, a mediação humana é um elemento essencial para o estabelecimento de diálogos com seus visitantes.

Os mediadores acolhem o público, contextualizam a visita e seus temas, instigam a curiosidade, propõem perguntas e aprendem com as vivências dos visitantes. Desta forma, a mediação abre espaço para a construção de conhecimento a partir da percepção do público e da experiência da visita.

As atividades de mediação no Museu da Vida estão em permanente desenvolvimento e revisão, tendo como diretrizes básicas o enfoque histórico, a multidisciplinaridade e a interatividade.

◀ **Trilha histórico-ecológica Caminho de Oswaldo Cruz: visitantes percorrem o caminho usado pelo cientista no passado.**



◀ Material educativo usado pelos mediadores da exposição “Corpo na arte africana” (2012).

Os mediadores do Museu da Vida são educadores e graduandos em processo contínuo de formação. Em vez de oferecer conteúdo fechado ao visitante, o mediador procura promover o diálogo e o questionamento, incentivando interpretações que multipliquem os sentidos da visita e criem conexões entre aspectos científicos, técnicos, sociais, históricos e artísticos presentes nos temas abordados.



◀ ‘Oficina de escavação’, atividade que reúne diversão e conceitos de arqueologia para crianças.

# Formação

A formação está no cerne da proposta educativa do Museu da Vida. Os programas desenvolvidos neste âmbito estão organizados em quatro linhas: ações para jovens, ações para educadores, formação acadêmica e eventos para profissionais.

## Ações para jovens

No Museu da Vida, os jovens podem atuar tanto nas ações de mediação humana, em contato direto com o público visitante, como nos bastidores do museu, na produção de atividades de expressão artístico-cultural. Pioneiro no contexto brasileiro, o Programa de Qualificação de Monitores para Museus e Centros de Ciências teve como objetivo formar estudantes do ensino médio de escolas públicas do entorno do *campus* da Fiocruz em Manguinhos para atuar como mediadores. Em 2013, uma reformulação deu origem ao atual Programa de Iniciação à Produção Cultural, ou Pró-Cultural, como é mais conhecido.

O Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop) atua na formação de estudantes



Jovens do Programa de Iniciação à Produção Cultural.

universitários, que realizam a mediação e o atendimento ao público do Museu. A formação dos bolsistas do programa consiste em um curso inicial, que estimula reflexões teóricas e práticas sobre os museus e centros de ciências, seguido por cursos direcionados para cada área de atuação dentro do Museu.



Bolsistas Propop, que atuam nos espaços de visitação do Museu da Vida.

## Ação para educadores

A fim de abrir espaço para a troca de experiências culturais em museus e estimular o planejamento de futuras visitas escolares, o Museu da Vida realiza seminários e encontros voltados para professores e educadores. Com o intuito de aumentar as potencialidades educacionais desses encontros, o Museu procura desenvolver atividades educacionais específicas, que considerem as características e expectativas dos participantes.

▼ Docentes conhecem as atividades do Parque da Ciência em um dos encontros de professores realizados no Museu da Vida.



## Formação acadêmica

As atividades de formação do Museu da Vida vêm se fortalecendo nos últimos anos com a criação de programas de pós-graduação no campo da divulgação científica, nos níveis de especialização (*lato sensu*) e mestrado acadêmico (*stricto sensu*).

Criado em 2009, o curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência já formou nove turmas e mais de cento e vinte alunos, com perfis dos mais diversos, para atuar de forma qualificada na divulgação científica.



▲ Cartaz do curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, promovido pelo Museu da Vida, em parceria com outras instituições. Ao lado, registro da aula inaugural de 2016.

Em 2016, foi selecionada a primeira turma do mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, um importante marco para a consolidação do Museu da Vida como um espaço produtor de conhecimento em uma área em que as ofertas de formação ainda são escassas.

Ambos os cursos estão vinculados à Casa de Oswaldo Cruz e são organizados e ministrados com as seguintes instituições parceiras: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Fundação Cecierj e Casa da Ciência, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Eventos para profissionais

Por meio grupos de estudo, visitas de especialistas, oficinas temáticas, palestras e seminários, o Museu da Vida incentiva a formação continuada de pesquisadores e profissionais que atuam na divulgação científica e pessoas interessadas na área.

### 4º Congresso Mundial de Centros de Ciência e EXPOinterativa

Em abril de 2005, o Museu da Vida liderou a organização da quarta edição do Congresso Mundial de Centros de Ciência (4SCWC), um dos mais importantes na área. Em função da dimensão do evento, o congresso foi realizado no Centro de Convenções e Exposições do Rio de Janeiro (RioCentro).

Com o tema central “Centros de Ciência: rompendo barreiras, engajando cidadãos”, o 4SCWC reuniu mais de mil pessoas, de cerca de 50 países.

No mesmo período, mais de cem mil pessoas visitaram a *EXPO-interativa: Ciência para Todos*, um dos eventos realizados paralelamente ao congresso.



▲ Shows, apresentações teatrais e circenses, oficinas, filmes, mostras, feiras de ciências e muitas atividades fizeram a festa para o público da *EXPO-interativa: Ciência para Todos*, no RioCentro.

### 13ª Conferência Internacional sobre Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia

O Museu da Vida coordenou a 13ª Conferência Internacional sobre Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (PCST 2014), um dos eventos na área de divulgação científica mais importantes no cenário internacional.

A conferência, que recebeu 507 inscrições, de 49 países, aconteceu em maio de 2014, na cidade de Salvador (BA); sua primeira edição na América Latina.



# Eventos



▲ Diversas unidades da Fiocruz e de outras instituições de pesquisa mostram o seu trabalho para os visitantes da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2016.

A realização de eventos é um elemento importante do diálogo entre o Museu da Vida e a sociedade. Além de promover datas comemorativas e temas específicos, os eventos organizados pelo Museu oferecem aos visitantes uma programação própria com oficinas e atividades especiais.

## Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

A Fiocruz participa da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), evento anual coordenado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) que ocorre simultaneamente em quase todos os estados brasileiros, desde a primeira edição do evento, em 2004.

Durante a SNCT, o Museu da Vida oferece uma programação especial aos visitantes, composta por exposições, mostras científicas, bate-papos com pesquisadores e escritores, exibições de filmes, oficinas, caminhadas por trilhas ecológicas e apresentações teatrais sobre o tema central da Semana.



▶ Atividades da SNCT 2016 no Museu da Vida.



◀ Atividades realizadas durante o evento Fiocruz Pra Você, em 2016. Abaixo, a Cavalariça transforma-se em posto de vacinação durante o evento.



## Fiocruz Pra Você

Vacinação vira diversão no Fiocruz Pra Você, evento que integra a Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite. A cada ano, o Museu da Vida participa com oficinas, esquetes teatrais e outras atividades culturais e de promoção da saúde e cidadania.

# Produtos de divulgação científica



Além das exposições, eventos e práticas de formação já mencionados, o Museu da Vida desenvolve uma série de produtos de divulgação científica, em diferentes formatos. Vão desde publicações com reflexões sobre o campo e memória de eventos até livros de história e jogos virtuais, voltados aos mais diversos públicos.

Os livros *O que Nina vai aprontar?*, *Oswaldo e seu castelo* e *Afinal, o que houve com meu corpo?* e o blogue *Clube do explorador mirim* são exemplos de produtos voltados ao público infantil.

Para os adolescentes e o público escolar em geral, a oferta é mais ampla. Alguns exemplos são as publicações *Arquivos nada secretos da saúde no Brasil* e *Ciência em Sintonia – Guia para montar um programa de rádio sobre ciências*, o site *InVivo*, o jogo *Cheiro de quê?* e o multimídia *Amor e Sexo: mitos, verdades e fantasias*.



◀ Publicações produzidas pelo Museu da Vida.

Vários produtos, porém, destinam-se ao público mais amplo, seja para despertar nessas pessoas o interesse por ciência em geral, seja para informar sobre algum tema específico relacionado à ciência. Merecem destaque aqui os guias *Centros e Museus de Ciências do Brasil 2015*, que já está em sua terceira versão, e *Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe*; ambos buscaram mapear a oferta dessas instituições, respectivamente no país e na região.

O portal *Brasiliana*, por sua vez, faz um apanhado histórico das iniciativas de divulgação científica no Brasil, com base em estudos no campo desenvolvidos no país.

Sobre temas específicos relacionados à ciência, foram produzidas as cartilhas *Carlos Chagas - A ciência para combater doenças tropicais*, *Carlos Chagas Filho - O "cientista-elétrico"* e *Voo pela Fiocruz*, *Guia de Aves do Campus*.

Estes são apenas alguns exemplos dos diversos produtos de divulgação científica que vêm sendo desenvolvidos pelo Museu da Vida. A maioria deles pode ser acessado no site do Museu: <http://www.museudavida.fiocruz.br>

Sites e blogs levam um pouco do Museu da Vida para pessoas de todo o Brasil e de outros países.



[www.museudavida.fiocruz.br](http://www.museudavida.fiocruz.br)



[www.museudavida.fiocruz.br/brasiliana](http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliana)



[www.exploradormirim.blogspot.com.br](http://www.exploradormirim.blogspot.com.br)



[www.invivo.fiocruz.br](http://www.invivo.fiocruz.br)

# Pesquisa

Embora a divulgação científica no Brasil tenha pelo menos dois séculos de história, as reflexões teóricas nesse campo são ainda recentes. Atento à importância de contribuir para o desenvolvimento acadêmico da área, o Museu da Vida tem dado cada vez mais atenção e espaço à pesquisa em educação e divulgação da ciência, aos estudos de público e à avaliação e recepção das atividades que promove.

Quem é o visitante do Museu da Vida? O que ele espera encontrar no Museu? O que acha do nosso trabalho? O que gostaria de ver em nossas exposições e atividades? Para responder a perguntas como estas, o Museu da Vida mantém, desde a inauguração, o registro do seu público espontâneo e agendado, de atividades no *campus* de Manguinhos e itinerantes, além de analisar as métricas de suas iniciativas na internet. Esses dados vêm sendo publicados nos Cadernos do Museu da Vida e têm norteado o planejamento das diversas iniciativas do Museu.



▲ Os Cadernos do Museu da Vida reúnem dados sobre seu público.

O Museu da Vida participa da rede Observatório de Museus e Centros de Ciência & Tecnologia (OMCC&T), que desenvolve a pesquisa “Museus de Ciência e seus Públicos”, um estudo longitudinal envolvendo museus e centros do Rio de Janeiro.

O Museu da Vida também conduz avaliação e estudos de recepção das atividades que desenvolve e oferece aos visitantes, principalmente no que diz respeito a exposições e eventos. Estas são fundamentais para o aprimoramento de sua programação.

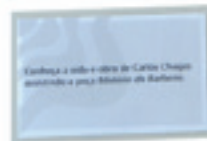
Além de se debruçar sobre suas próprias iniciativas, o Museu vem investindo em estudos mais amplos e diversificados no campo da divulgação científica. Entre os principais temas de pesquisa na área estão seus aspectos históricos e contemporâneos; ciência, mídia e sociedade; e percepção pública da ciência e tecnologia.

Este livro reúne textos de divulgação científica publicados no *Jornal do Commercio* entre 1958 e 1962. ▲

*Um gesto ameno para acordar o país*  
A ciência no *Jornal do Commercio* [1958-1962]



Publicações da Rede de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, que reuniu pesquisadores de 10 países da América Latina, resultando em cursos de capacitação e artigos acadêmicos. A Rede ganhou a edição 2014 do Prêmio Mercosul de Ciência e Tecnologia.



Material educativo elaborado para orientar visitantes do Museu da Vida.

Por sua reconhecida atuação e significativa produção no campo de estudos da divulgação científica, o Museu da Vida já recebeu prêmios, organizou importantes eventos acadêmicos e lidera o Instituto Nacional de Comunicação Pública em Ciência e Tecnologia, composto por pesquisadores de diversas instituições brasileiras e estrangeiras importantes na área.

No âmbito da educação, o Museu da Vida desenvolve estudos para se compreender a relação de diferentes grupos sociais com o Museu, aspectos relativos à aprendizagem nos espaços não formais de educação, formação de mediadores e educadores, análise da

concepção de processos educativos, bem como investigações sobre os materiais e estratégias educativas que fazem parte do cotidiano das visitas.

No que tange à preservação do patrimônio museológico, também objeto de pesquisa no Museu da Vida, são desenvolvidos estudos com dois principais focos: a história dos objetos e acervos de ciência e tecnologia em saúde e a história dos museus de saúde e medicina.

# Preservação do patrimônio museológico

A formação do patrimônio museológico da Fiocruz, sob a guarda do Museu da Vida, teve início após a morte de Oswaldo Cruz, em 1917, quando sua sala de trabalho e seu laboratório foram transformados em espaço de memória. Com o tempo, incorporaram-se a esta coleção antigos objetos, já sem uso, relacionados aos trabalhos em Manguinhos, que ficavam sob a guarda do Museu da Casa de Oswaldo Cruz. Atualmente, o acervo é constituído por cerca de duas mil peças e continua crescendo pela seleção e incorporação de novos itens com potencial histórico. Reunidos ao acervo do museu e ressignificados, esses objetos ganharam *status* de testemunhos históricos.



▲ Objetos do acervo museológico do Museu da Vida.



As rotinas para a preservação desse patrimônio incluem a identificação e seleção de novos objetos com potencial histórico, em unidades da Fiocruz, sua transferência e incorporação ao Museu da Vida e as distintas fases de seu processamento, com destaque para as práticas de classificação e catalogação, higienização e conservação preventiva, pesquisa e documentação museológica.

Sob a responsabilidade do Serviço de Museologia do Museu da Vida, o acervo é mantido em instalações próprias, construídas e adaptadas para seu correto acondicionamento e tratamento técnico.



▲ Medição e higienização de peças do acervo do Museu da Vida.



# Ciência Móvel

O Ciência Móvel leva o Museu da Vida de sua sede no Rio de Janeiro para outros municípios da região Sudeste. Jogos, multimídias, vídeos, exposições temáticas, planetário inflável, modelos tridimensionais e aparatos interativos são transportados em um caminhão. Cada viagem é acompanhada por mediadores do Museu da Vida, que interagem com o público.

Após a montagem da exposição, a carreta vazia é usada como sala para palestras, vídeos e atividades.



▲ Ciência Móvel: a carreta de 13,5 metros transporta a exposição interativa. Quando montada, ocupa uma área de 500 m<sup>2</sup>.



◀ Atividades desenvolvidas pelo Ciência Móvel. Volta Redonda, 2015.

As ações do Ciência Móvel ampliam o conhecimento e engajam a população, de forma interativa e atrativa, em temas relativos à saúde, à tecnologia e à ciência. Ao percorrer diversas cidades, divulgam a produção da ciência e contribuem para a inclusão sociocultural de diferentes públicos.



▲ A cada sessão, o planetário inflável leva os visitantes em uma viagem pelo céu de diferentes lugares e épocas.

## Depoimentos

“O Museu é um espaço de reflexão, de enriquecimento e de aproximação das pessoas com as referências de teorias de conhecimento, referências epistemológicas, referências pedagógicas, o que enriquece a área como um todo e cria uma massa crítica que perpetua, vamos dizer assim, linhas de financiamento; cada vez mais você tem, no CNPq e na Capes espaços para esse grupo. Para o Museu é fundamental ter o mestrado. O Gadelha já falava dessa proposta desde o início. Mas não havia massa crítica na época. Essa massa foi se acumulando, acumulando, até chegar à proposta de mestrado que a Luisa Massarani e outros colegas apresentaram. Isso legitima o Museu dentro do contexto institucional; não se trata de um grupo operacional, é um grupo de pessoas com doutorado e pós-doutorado, com reflexões na área. Isso dá legitimidade.”

**Gilson Antunes,**  
em entrevista concedida em 2016

“O fato de uma instituição do porte da Fiocruz começar a abrigar uma concepção nova de museus de ciências teve repercussão imensa no Brasil todo e também internacionalmente. Quando uma instituição com um protagonismo nacional imenso no campo da reforma sanitária, sobretudo na década de 1980, fala: “Eu incorporo como uma questão central da nossa vocação um museu de ciências”, isso reverbera em todas as dimensões. Nas dimensões de visibilidade, de replicação de experiência em outras áreas, na possibilidade de suporte político.”

**Paulo Gadelha,**  
em entrevista concedida em 2016



“Os diversos cursos do Museu – de especialização, de mestrado, de formação – contribuem para o avanço do campo, tanto para a reflexão como para a prática. Isso está dentro das perspectivas centrais da instituição, em linha com a postura histórica da Fiocruz, de ser uma instituição formadora de quadros, formadora de opiniões que contribuirão para o avanço do campo.”

**José Ribamar,**

em entrevista concedida em 2016

“Além da contribuição para as escolas, o museu certamente deu contribuições muito importantes para toda a rede de museus de ciência. Também não podemos nos restringir apenas aos espaços que existem aqui; o Ciência Móvel tem levado exposições e a proposta do museu para vários municípios do estado do Rio de Janeiro. Essa ação itinerante é fundamental para levar os conteúdos das ciências da vida e da saúde para um público amplo.”

**Nísia Trindade,**

em entrevista concedida em 2016



# Perspectivas

Qual o futuro dos museus? Para onde caminha o Museu da Vida? Quais as suas perspectivas para os próximos anos? A história recente do Brasil nos ensina que a democracia no país ainda é frágil, com instituições muito vulneráveis às instabilidades políticas e uma sociedade pouco articulada e participativa no que diz respeito à governança de diversos setores, inclusive da cultura. Nesse sentido, o Museu da Vida é privilegiado, pois seu vínculo institucional com a Fundação Oswaldo Cruz tem permitido construir e fomentar um ambiente de reflexão sobre as relações da saúde com as ciências, a história, a cultura, a sociopolítica e a vida cotidiana do país, estabelecendo, assim, um espaço menos suscetível a essas instabilidades.

No contexto internacional, em particular nos universos norte-americano e europeu, passou-se do período de explosão no número de instituições museológicas e começa-se a perceber um cenário de estabilização ou mesmo de fechamento dessas instituições. Muitos museus, grandes e pequenos, têm enfrentado redução no número de visitantes. Já aqueles que têm se articulado de forma mais integrada com o seu público têm conseguido reverter e mesmo inverter esse quadro. O financiamento dos museus também tem sofrido cortes drásticos nos últimos anos, em função da crise financeira internacional, que afeta as nações como um todo.

Já nos países emergentes, muitos centros urbanos possuem museus em número equivalente à média das

grandes cidades de países desenvolvidos. No entanto, as desigualdades sócio-históricas, nesses casos, expressam-se em sua distribuição – nacional, regional e local – e se revelam nas estatísticas de acesso, quando considerados a renda, a faixa-etária, a escolaridade e indicadores de desenvolvimento humano relacionados a seus visitantes. A distribuição de museus no Brasil, por exemplo, segue a lógica de concentração geográfica – em todos os níveis – e de renda da população brasileira. Ou seja, estas instituições estão presentes marcadamente nas regiões Sul e Sudeste; nestas, estão aglomeradas nas metrópoles e capitais, e, ainda dentro destas, os museus localizam-se em zonas com maior e melhor desenvolvimento urbano, social e econômico.

Crises financeiras, desigualdades sociais e todas as transformações constantes pelas quais passam as sociedades exigem que as instituições museológicas em todo o mundo repensem a si mesmas e o seu papel no tocante a diversos aspectos: sua relação com o público, práticas colaborativas e de participação social, consolidação como um espaço de encontro democrático e inclusivo, interatividade e dinamismo das exposições, formação e manutenção de coleções, interdisciplinaridade, habilidade de gerar conexões afetivas, capacidade de se expandir para além dos muros institucionais, competência para ser uma instituição crítica e engajada politicamente e, principalmente, para ser parte de sua comunidade, em particular naquela em que está fisicamente inserida, transformando-a em seu principal território de ação.



O Museu da Vida possui uma interlocução privilegiada com seu entorno, povoado por comunidades em situação de vulnerabilidade social. Desde sua inauguração, uma frente de ações territorializadas – que leva atividades para a população dos arredores e também a convida para participar de atividades específicas no Museu – integra seu programa educativo.

Resgatar a história e refletir sobre o contexto presente é também uma luz para o futuro. Dentro das novas perspectivas museológicas, é fundamental que o Museu da Vida se reforce enquanto local de encontro e diálogo, e como equipamento cultural para o território que ocupa. O Museu precisa se fortalecer como um ator capaz de influenciar o desenvolvimento humano de uma região historicamente excluída do mapa cultural do Rio de Janeiro. Valorizar a participação e os saberes dessa população, além dos hábitos, linguagens e manifestações artísticas locais é hoje tão importante quanto levar a ela o conhecimento científico produzido dentro e fora da Fiocruz.

Nesse sentido, a requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), conjunto de edificações históricas que compõem a área na qual a instituição se instalou há mais de 100 anos, prevê um reposicionamento do papel do Museu da Vida quanto ao espaço que ocupa na cidade e a sua própria forma de ser. O projeto, que ampliará os espaços expositivos do Museu, propõe novos usos para a área urbana e para as edificações históricas inscritas no núcleo originário

do *campus* da Fiocruz em Manguinhos. Tal proposta está calcada em princípios e diretrizes que refletem os valores e a identidade dessa instituição, preservam e valorizam seu patrimônio cultural e intensificam sua relação com a cidade do Rio de Janeiro. As intervenções previstas nesse plano de requalificação estão voltadas à configuração de um “*campus-parque*”, com atividades socioculturais voltadas à população, considerando as vocações da Fiocruz em pesquisa, educação, preservação patrimonial e ambiental e divulgação científica.

A dimensão desse projeto nos coloca diante de uma série de desafios a serem enfrentados ao longo de seu desenvolvimento e implantação. É necessário desvelar o nosso espaço físico e as diversas camadas históricas de sua ocupação. É preciso criar novas conexões entre a própria comunidade científica, entre quem produz ciência e a sociedade, entre a instituição e os territórios em que ela se insere, entre os locais em que está presente e a cidade que a rodeia, entre o lugar em que está e o mundo que a cerca. Apesar desses desafios – ou melhor, justamente por causa deles –, temos pela frente um cenário promissor e instigante, de desenvolvimento de um museu de ciências que incorpore em suas ações as perspectivas museológicas introduzidas há décadas por museus comunitários e ecomuseus, que debata a ciência intensamente no local onde ela se desenvolve há mais de um século, e que seja capaz de interconectar processos de engajamento do público com a ciência a processos de valorização do patrimônio histórico-cultural.

# Museu da Vida no território

Desenvolver ações culturais e de divulgação científica nas comunidades da região é uma marca do Museu da Vida, marca esta que se insere na missão da própria Fiocruz enquanto agente que contribui para a melhoria da saúde pública no Brasil.

Atuando à luz das determinações sociais da saúde, o Museu da Vida promove ações específicas para públicos historicamente excluídos, invertendo uma lógica de acesso escasso à cultura, à educação e à ciência. As diversas atividades concebidas com este fim criam conexões não apenas entre o Museu e jovens do território, mas também entre

ele e organizações parceiras que atuam no território e na cidade.

A partir dessas ações, o Museu da Vida busca não apenas dar atenção à região em que está inserido, mas também desconstruir a ideia de uma cidade partida, promovendo o encontro e o diálogo entre desiguais. O Curso de Formação de Monitores, entre 1999 e 2011, foi uma das primeiras iniciativas realizadas nesse âmbito. Ao longo dos anos, surgiram outras ações, como o projeto Tecendo Redes, a exposição “Território em Transe”, o Expresso da Ciência, o Grupo de Ações Territorializadas e o Programa de Iniciação à Produção Cultural.



▲ Alunos do Ceja (Centro de Ensino de Jovens e Adultos), na Maré, participam de oficina sobre dengue, zika e chikungunya.





▲ Público visita a exposição "Território em Transe" em uma rua do Parque João Goulart, Manguinhos.



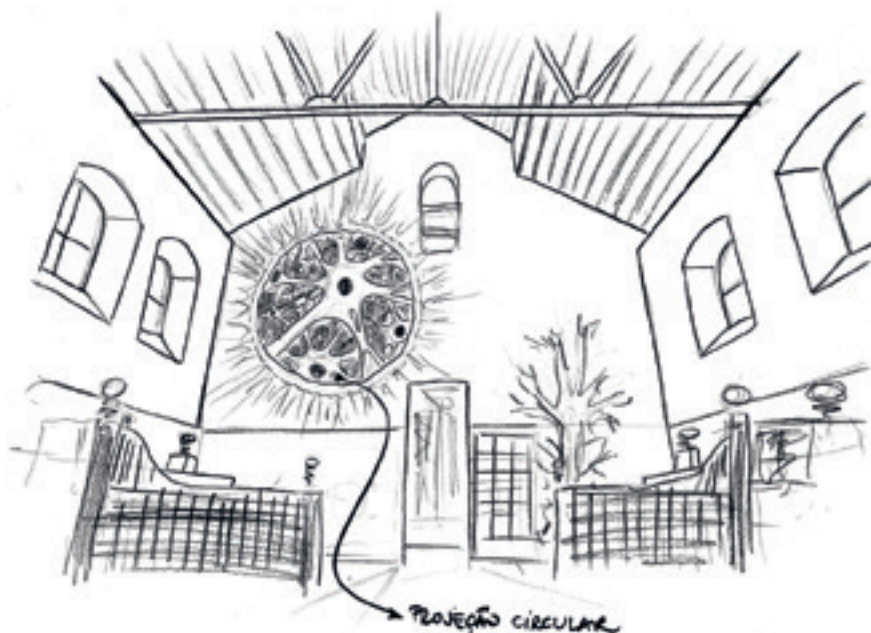
# Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos – NAHM

O Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos é uma intervenção no núcleo original e constituinte do que hoje denominamos como Fundação Oswaldo Cruz. Este espaço é particularmente caracterizado por marcas distintas de uma ocupação extremamente relevante sob as perspectivas históricas, culturais e sociais.

Trata-se de uma área que registra a presença dos Tupinambás, de duas sesmarias que resultaram na Freguesia de Inhaúma em 1743 e que foi parte de diversos ciclos econômicos. Viu-se desenvolver como zona rural até que veio a abrigar o Instituto Soroterápico Federal,

embrião da Fiocruz, iniciando um novo capítulo na história da saúde brasileira. Desde então, já vivenciou ciclos de crescimento e decadência urbanos e socioeconômicos da região e da cidade.

Ao se requalificar um núcleo dessa natureza, é primordial, portanto, que o projeto valorize as marcas de ocupação histórica, que considere questões relativas às áreas de saúde, ciências, história, arquitetura e urbanismo, patrimônio cultural, que respeite o *éthos* sociocultural dessa instituição e do território onde se situa, e, por fim, que considere a continuidade das atividades atribuidoras de significado ao lugar.



Pronto para o futuro: croqui da nova exposição planejada para a Cavalaria, um dos espaços do NAHM. ▲



▲ Conjunto arquitetônico de Manguinhos, na década de 1930. Algumas edificações, como a antiga cavalaria ao lado do Castelo e o aquário (prédio mais esquerda), foram demolidos.



Além de valorizar a memória da Fiocruz e de seus campos de atuação, o Plano de Requalificação do NAHM também permitirá a expansão dos espaços de exposições do Museu da Vida. Essa ampliação prevê o acréscimo de novas áreas expositivas, a revitalização das áreas atuais

e novos usos do *campus* da instituição para ações de divulgação da ciência, tudo isso com base em cinco eixos temáticos: Saúde pública no Brasil; Ciência e tecnologia em saúde; Saúde, ambiente e sustentabilidade; Acervos culturais da saúde e Fiocruz e as cidades.

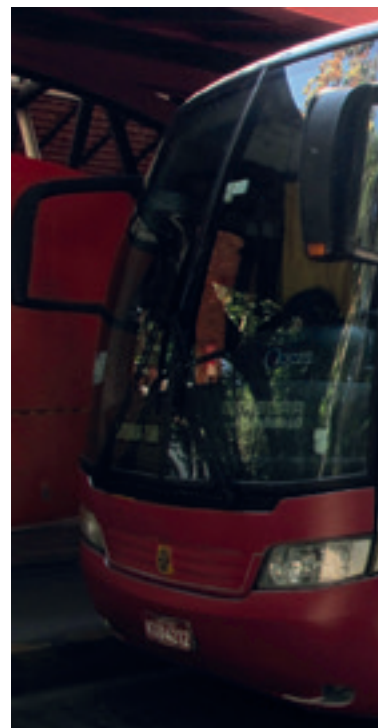
# Amigos do Museu da Vida: uma rede de saúde, ciência e cultura

Desde o início de sua atuação, o Museu da Vida vem atuando na diversificação de suas fontes de receita, no intuito de garantir para si uma maior sustentabilidade financeira. Dessa preocupação surgiu o projeto Ciência Móvel - Vida e Saúde para Todos e, com ele, um modelo diferenciado de captação de recursos. A partir dessa experiência, organizou-se no âmbito da Casa de Oswaldo Cruz o Escritório de Captação, vinculado atualmente à presidência da Fiocruz e responsável pela formalização da relação do Museu com parceiros e patrocinadores.

Em 2015, o Museu da Vida e o Escritório de Captação criaram o Programa Ami-

gos do Museu da Vida: uma rede de saúde, ciência e cultura. Esse programa visa criar relações mais próximas e duradouras com parceiros e patrocinadores e concentrar as ações de captação de recursos direcionadas ao Museu da Vida, de forma a potencializá-las.

Por reunir em suas iniciativas temáticas e áreas diversas, tais como ciências, saúde, cultura, educação e meio-ambiente, o Museu da Vida tem um grande potencial de agregar fontes oriundas de diferentes campos e modalidades. Em particular, as leis de incentivo à cultura têm sido importantes aliadas, constituindo-se na principal fonte de recursos e parceiros desse programa.



Alunos do Programa de Iniciação à Produção Cultural aceitam o convite proposto pelo Expresso da Ciência.



▲ Cena de A vida de Galileu, de Bertold Brecht, em montagem do Museu da Vida. Temporada de 2016.



▲ Expresso da Ciência, ônibus gratuito criado para facilitar o acesso dos estudantes de escolas públicas ao Museu da Vida.

Em 2017, o Programa Amigos do Museu da Vida chega ao seu terceiro ano, tendo permitido até aqui a expansão das receitas totais diretas do Museu da Vida em aproximadamente 25%. Seu carro chefe é o Expresso da Ciência, que vem atuando de forma a mitigar dificuldades de mobilidade urbana na cidade do Rio de Janeiro ao trazer ao Museu, em um ônibus próprio, alunos de escolas públicas, sobretudo de áreas favelizadas. Além disso, o programa já permitiu a renovação de áreas expositivas e de equipamentos do Museu e a montagem de novas peças teatrais no âmbito do Ciência em Cena, em particular de “A Vida de Galileu”, de Bertolt Brecht, em 2016, grande sucesso de público e crítica.

## Depoimentos

“Um museu de ciência com determinadas características pode acontecer em qualquer lugar. Mas um museu tem vantagens totalmente diferenciadas se ele possui um território com todas as dimensões de uma cultura, de uma instituição, de um patrimônio científico e arquitetônico. A ampliação do Museu [no âmbito da requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos] não será apenas de espaços, mas também uma ampliação qualitativa. (...) As referências entre o patrimônio e o campo da comunicação e da mediação na área da educação e da ciência têm que ser exploradas no seu limite.”

**Paulo Gadelha,**  
em entrevista concedida em 2016

“Esse posicionamento enquanto arena de debate é algo que poderia ser mais avançado e fortalecido [no Museu da Vida] – cada vez mais se afirmar nesse diálogo entre ciência e sociedade, se colocar, não ter medo de debater os temas que ainda estão mobilizando opiniões contrárias, trazendo discordâncias e falta de consenso. Pode ser através de exposições, de mesas-redondas, porque é uma forma de debater a contemporaneidade e a posição das pessoas diante da ciência. Isso é uma questão importante em termos de políticas públicas: contribuir para que o cidadão esteja apto a se manifestar, votar, opinar nas redes sociais etc., contra ou a favor de determinadas questões.”

**José Ribamar Ferreira,**  
em entrevista concedida em 2016

“O Museu está numa encruzilhada boa. Ele vai ter que dizer a que veio por meio da renovação das suas maneiras de interagir com os temas sociais, da capacidade de empoderar a sociedade sobre seus rumos (o que não é uma questão fácil), da escolha correta de temas e questões mais relevantes e da criatividade de acompanhar, na sua tarefa específica de mediação, quais são as inovações colocadas no cenário mundial.”

**Paulo Gadelha,**  
em entrevista concedida em 2016

“O Museu está saindo da adolescência e chegando à maioria. Eu acho que o grande papel do Museu é integrar mais o conjunto da Casa de Oswaldo Cruz, a partir da proposta de requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos [NAHM]. Isso é um grande centro de convergência, de integração da Casa e do Museu. E o Museu é importante tanto no processo de definição do NAHM como de recheio do NAHM.”

**Gilson Antunes,**  
em entrevista concedida em 2016

“A requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos [NAHM] é um desafio importante. Assim como o projeto Niemeyer, que não conseguiu se concretizar, o NAHM pode ser uma nova oportunidade para o Museu da Vida dar um salto de qualidade dentro e fora da Fiocruz, em termos de mudança de abrangência física, política e simbólica. Seria muito bom que esse projeto avançasse na proporção que a gente imagina, o que é um desafio enorme.”

**José Ribamar Ferreira,**  
em entrevista concedida em 2016

“[O Museu enfrenta] o desafio da promoção da cidadania, com enfoque especial para essas áreas que dividem o território com a instituição e outras áreas excluídas social e geograficamente. É preciso investir mais nisso, criar e aprofundar mecanismos de percepção da saúde enquanto qualidade de vida. Ou seja, trabalhar a questão da saúde nessa perspectiva envolve promoção da cidadania, envolve diálogo com essas comunidades, além do trabalho da Fiocruz com toda a população, de produção de fármacos, de vacinas etc.”

**José Ribamar Ferreira,**  
em entrevista concedida em 2016

“Nos próximos anos, eu vejo um desafio importante para as atividades que o Museu já realiza e ele está ligado à dimensão pública da ciência, às conferências de consenso – ou consultas públicas, como a gente queira chamar. Cada vez mais vai ser necessário que temas polêmicos, candentes, que passam pelo legislativo e por uma agenda muitas vezes conservadora, tenham uma contribuição de espaços museais para promover esse diálogo com o público. Não se trata apenas de divulgação, mas de diálogo. Essa é uma função fundamental.”

**Nísia Trindade,**  
em entrevista concedida em 2015



▲ Representação digital da revitalização do Pombal, segundo o projeto NAHM.

## Documentos que contam essa história

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Segundo Congresso Interno*. Relatório final. Rio de Janeiro, jan. 1994. Disponível em: <<http://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/II%20Congresso%20Interno%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final%20-%20janeiro%20de%201994.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2017.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Estudo de viabilidade para revitalização e uso do Pombal*. Rio de Janeiro: [s.n.], out. 2007. 32p. il.; color.

\_\_\_\_\_. *Plano de requalificação do NAHM: Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos*. Rio de Janeiro: [s.n.], [2015?]. 63p.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. *Plano Museológico Museu da Vida: 3ª versão pós-reunião de coordenação* Rio de Janeiro: [s.n.], abr. 2017. [Documento preliminar - Expomus].

\_\_\_\_\_. *Pombal: proposta de ocupação e revitalização do espaço do antigo biotério, estudo de viabilidade*. Rio de Janeiro: [s.n.], out. 2000. Paginação irregular.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz. *Centro de Referência de Educação em Ciência: Espaço Museu da Vida*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1996. Não paginado. Edital Finep 01/95 Plano de Ação para a Área Social.

\_\_\_\_\_. *Espaço Museu da Vida: Museu de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - proposta*. Rio de Janeiro: [s.n.], abr. 1994. 101, 25 p. [Edital SPEC 01/93 – SE/PADCT/CAPES].

\_\_\_\_\_. *Espaço Museu da Vida: Museu de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: set. [s.n.], 1994. 137 p.

\_\_\_\_\_. *Programa de implantação do Museu Científico da Fundação Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: [s.n.], jan. 1994. 40, 27 p.

IGLESIAS, Fábio; SANTOS, Paulo R. E.; MARTINS, Ruth B. *Vida, engenho e arte: o acervo histórico da Fundação Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2014.

MANO, Sonia M. F. et al. *O público do Museu da Vida (1999 - 2013)*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC/Museu da Vida. 2015. 55 p. (Cadernos do Museu da Vida, nº 5).

## Créditos das imagens

A equipe envolvida na elaboração deste livro empenhou-se na busca por informações sobre cada imagem utilizada. Entretanto, não foi possível encontrar dados sobre todas as fotografias e ilustrações até o fechamento desta edição. Caso novas informações sejam obtidas, a equipe mantém o compromisso de atualizar esta página, concedendo os devidos créditos em futuras reimpressões.

A lista dos créditos foi organizada segundo a sequência das páginas e, dentro dessas, obedece à ordem de leitura: da esquerda para a direita e de cima para baixo.

**Capa:** Roberto Jesus Oscar e Jeferson Mendonça

**Sumário:** Glauco Rodrigues/Acervo Museu da Vida

### Capítulo 1

**Fotografias:** p. 13 Roberto Jesus Oscar e Vinicius Pequeno/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 14 Pedro Paulo Soares/Acervo Museu da Vida; p. 15 Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 16 Pedro Paulo Soares/Acervo Museu da Vida, (demais imagens) Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 17 Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 18 Acervo Museu da Patologia/IOC, Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 19 J.Pinto/Museu/Centro de Memória do Instituto Biológico; p. 20 (detalhes) Roberto Jesus Oscar e Vinicius Pequeno/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 21 Acervo Casa de Oswaldo Cruz ; p. 22 Roberto Jesus Oscar e Vinicius Pequeno/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; Acervo Museu da Vida; p. 23 Bruno Veiga/Acervo Casa de Oswaldo Cruz, (demais imagens) Acervo Museu da Vida; p. 24 Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 25 Roberto Jesus Oscar e Vinicius Pequeno/Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

### Capítulo 2

**Fotografias:** p. 30 Flávio Souza/Acervo Casa de Oswaldo Cruz ; p. 31 (ambas) Jorge de Carvalho/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 32 e 33 (todas) Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz ; p. 34 e p. 35 (todas) Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 36 Roberto Jesus Oscar e Jeferson Mendonça/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 37 Vinicius Pequeno/Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz p. 42 (todas) Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz ; p. 48 Acervo Casa de Oswaldo Cruz , Guto Costa/Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 49 Acervo Museu da Vida; p. 54 Acervo Museu da Vida, Maria Buzanovsky/Acervo Museu da Vida, (demais) Acervo Casa de Oswaldo; p. 55 (todas) Maria Buzanovsky/Acervo Museu da Vida; p. 60 Acervo Museu da Vida; p. 61 Janaína Maximiano/Acervo Museu da Vida, Acervo Museu da Vida, Beatriz Schwenck/Acervo Museu da Vida; p. 65 Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

**Ilustrações:** (aquarelas) Gilson Domingues; p. 62 e 63 (mapa) Renato Gama-Rosa.

### Capítulo 3

**Fotografias:** p. 74 Acervo Museu da Vida, (demais imagens) Maria Buzanovsky/Acervo Museu da Vida; p. 75 Acervo Museu da Vida, Acervo Museu da Vida, Maria Buzanovsky/Acervo Museu da Vida; p. 76 Maria Buzanovsky/Acervo Museu da Vida, Renata Fontanetto/Acervo Museu da Vida; p. 77 (fotos superiores) Maria Buzanovsky/Acervo Museu da Vida, Renata Fontanetto/Acervo Museu da Vida; p. 78 Acervo Casa de Oswaldo Cruz, (demais imagens) Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 79 (todas) Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 80 Acervo Museu da Vida, Roberto Jesus Oscar/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 81 Miguel Oliveira/Acervo Museu da Vida; (demais) Acervo Museu da Vida; p. 82 Lucas Brazil (cortesia), (demais) Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz ; p. 83 Acervo Museu da Vida; (demais) Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 84 (todas) Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 85 Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; Waldir Riberio/Acervo Museu da Vida, Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz ; p. 86 e 87 (todas) Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz ; p. 88 Renata Fontanetto/Acervo Museu da Vida; p. 89 Rodney Wilbert/Acervo Museu da Vida; p. 90 Peter Illiciev/Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Roberto Jesus Oscar/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 91 Waldir Ribeiro/Acervo Museu da Vida; p. 92 Janaína Maximiano/Acervo Museu da Vida, Rita Alcantara/Acervo Museu da Vida; p. 93 Acervo Museu da Vida; p. 94 Luís Amorim/Acervo Museu da Vida; p. 95 MBA Cultural (cortesia); p. 96 (todas) Héilton Barros/Acervo Museu da Vida; p. 97 (todas) Letícia Rumjanek/Acervo Museu da Vida; p. 100 e 101 (todas) Rita Alcantara/Acervo Museu da Vida; p. 102 (microscópio) Pedro Paulo Soares/Acervo Museu da Vida, (óculos e caneta, tubos capilares) Bruno Veiga/Acervo Casa de Oswaldo Cruz, (demais imagens) Roberto Jesus Oscar e Vinicius Pequeno/Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 103 (todas) Pedro Paulo Soares/Acervo Museu da Vida; p. 104 Acervo Museu da Vida, Raquel Nóbrega de Souza/Acervo Museu da Vida; p. 105 Acervo Museu da Vida/Maria Buzanovsky/Acervo Museu da Vida; p. 106 e 107 Janaína Maximiano/Acervo Museu da Vida.

**Ilustrações:** p. 81 e 88 (cartazes) Barbara Mello.

### Capítulo 4

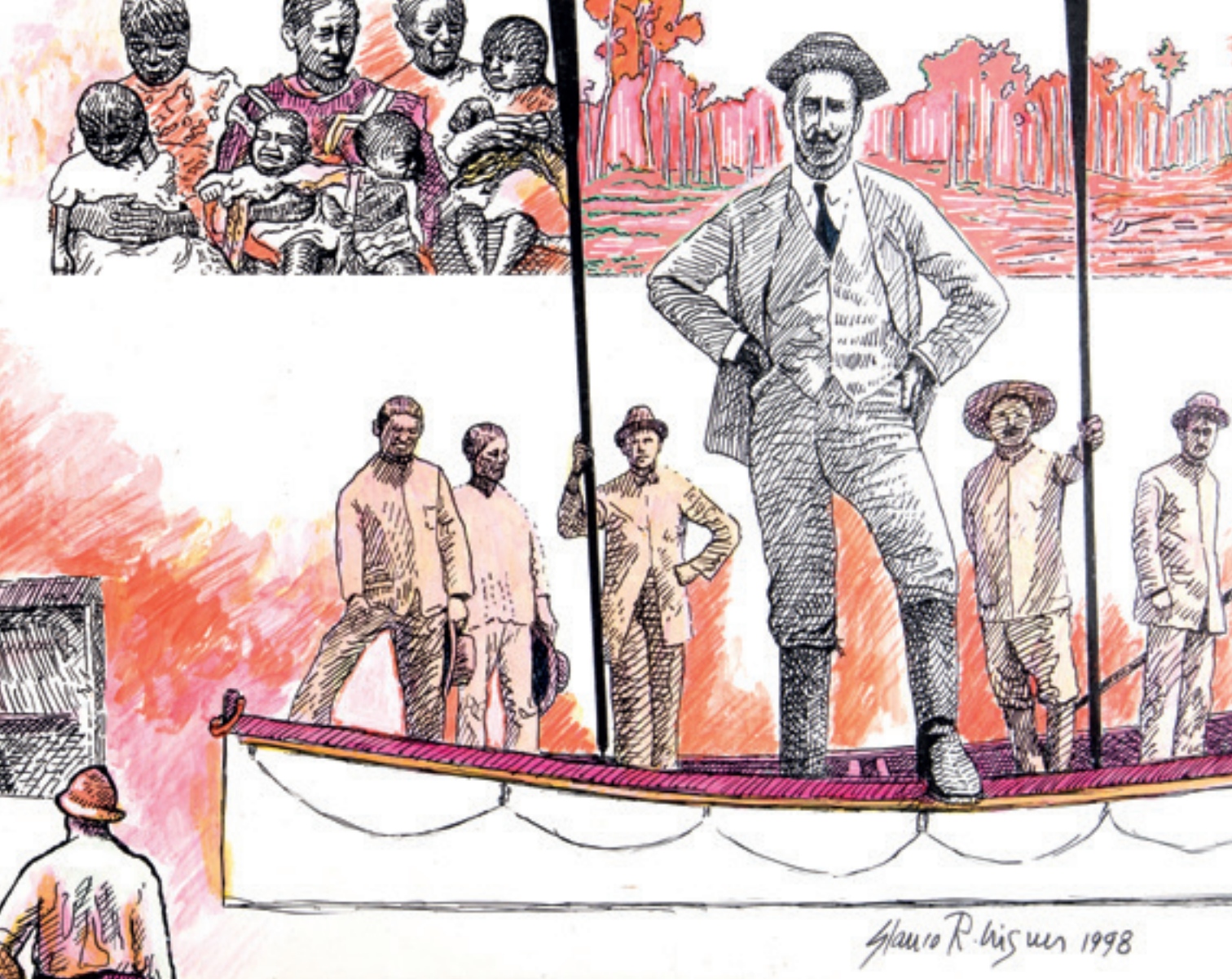
**Fotografias:** p. 110 Maria Buzanovsky/Acervo Museu da Vida; p. 111 Acervo Museu da Vida; p. 113 Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 114 Roberto Jesus Oscar/ Acervo Casa de Oswaldo Cruz; p. 115 Renato Mangolin/Acervo Museu da Vida, Geraldo Casadei/Acervo Museu da Vida;

**Ilustrações:** p. 112 (croqui) Rico Bacellar, p. 117 Embyá - Paisagens & Ecossistemas



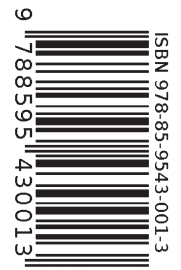
Impresso no Brasil em maio de 2017

GRAFITTO GRÁFICA E EDITORA LTDA.  
Rua Costa Lobo, 352, Triagem, Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20911-180 Tel. (21) 3505-6666  
[www.grafittografica.com.br](http://www.grafittografica.com.br)



Glauro R. Bisuen 1998

Neste livro, o leitor encontrará textos que buscam estabelecer uma narrativa sobre a trajetória do Museu da Vida, baseada em depoimentos e farto material documental, especialmente iconográfico. Os diferentes agentes desse processo, recheado de inspirações diversas e repleto de criatividade, ajudam a compreendermos as escolhas, os caminhos, as tensões e os resultados alcançados [...].



Patrocínio

Realização

